

**Podemos clarificar a situação? Ostracismo explícito e implícito na
ótica do ostracizado e do ostracizador**

Sara Alexandra Proença Freitas

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Psicologia
Social e das Organizações

Orientador:

Doutora Elizabeth Collins, Investigadora no ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa

Setembro, 2019

**Podemos clarificar a situação? Ostracismo explícito e implícito na
ótica do ostracizado e do ostracizador**

Sara Alexandra Proença Freitas

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Psicologia
Social e das Organizações

Orientador:

Doutora Elizabeth Collins, Investigadora no ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa

Setembro, 2019

Agradecimentos

Neste caminho que percorri, que nem sempre foi fácil e no qual caminhei e aprendi muito, sempre acompanhada, gostaria de agradecer a todos os que me apoiaram e me ajudaram nesta jornada.

Primeiramente, tenho muito a agradecer à minha orientadora, Elizabeth Collins, que me ajudou sempre que precisei e que foi fundamental para o crescer deste trabalho e também de mim mesma, como pessoa. Muito obrigada pelos conselhos, ensinamentos e motivação que me proporcionou ao longo de todo este tempo.

Em segundo lugar, queria deixar um grande agradecimento ao ISCTE-IUL e a todo o corpo docente do Mestrado de Psicologia Social e das Organizações, por terem um papel muito importante na providência de tanto conhecimento e ensinamentos que foram cruciais para mim, como pessoa e futura profissional, aprender e reter, com muito foco.

De seguida, gostaria de agradecer à minha família, que teve sempre um papel de carinho e motivador neste processo. Obrigada à minha mãe, pai, irmão, tia, primo e avós que, sempre que precisei de uma palavra de inspiração, estavam lá para me dar, ou para me ouvir quando necessitei.

Gostava também de agradecer ao meu namorado, que esteve sempre presente durante todo este processo e que me apoiou imenso. Por último, um enorme obrigada a todos os meus amigos, que me proporcionaram sempre coragem e força para eu acreditar que sou capaz do que quiser atingir, desde que não desista.

A todos, um enorme obrigada, são a prova de que ninguém caminha sozinho.

Resumo

Esta investigação foca-se no estudo do fenómeno denominado de ostracismo. Este acontecimento ocorre quando estamos na presença de um episódio onde a pessoa é colocada de parte ou excluída, numa situação social. O intuito foi explorar duas dimensões do ostracismo, nomeadamente, o ostracismo explícito e o ostracismo implícito, em duas diferentes perspetivas, ou seja, a de quem ostraciza e a de quem sofre o ostracismo. As hipóteses e perguntas exploratórias focaram-se em verificar se, no caso de ostracismo explícito, os níveis de autoestima e pertença seriam maiores do que no caso do ostracismo implícito, em explorar as diferenças nas respostas dos ostracizadores consoante o tipo de ostracismo, explorar os efeitos encontrados nos níveis de ansiedade, dependendo do tipo de ostracismo e, por último, em explorar as razões pelas quais o ostracismo ocorre na sociedade. O estudo replicou quase todos resultados ao nível do ostracismo encontrados anteriormente (menores níveis de autoestima, pertença, sentido de controlo, existência significativa, frustração e ansiedade), no entanto, não foram encontrados efeitos significativos do tipo de ostracismo nos níveis de autoestima e pertença, nos ostracizadores. Tanto várias das razões já encontradas previamente na literatura como novas razões para o ostracismo foram encontradas. As razões para estes resultados foram discutidas nesta investigação.

Palavras-chave: Ostracismo; Ostracizado; Ostracizador; Explícito; Implícito

Abstract

This research is focused on the study of the phenomenon called ostracism. This event occurs when we are in the presence of an episode where the person is placed apart or excluded, in a social situation. The aim was to explore two dimensions of ostracism, namely explicit ostracism and implicit ostracism, from two different perspectives, namely that of those who ostracize and of those who suffer the ostracism. The hypotheses and exploratory questions focused on whether, in the case of explicit ostracism, levels of self-esteem and belongingness were higher than in the case of implicit ostracism, exploring the differences in responses of ostracizers depending on the type of ostracism, exploring the effects found in levels of anxiety, depending on the type of ostracism and, lastly, exploring the reasons why ostracism occurs in society. The study replicated almost all the results of ostracism found previously (lower self-esteem, belongingness, sense of control, meaningful existence, frustration and anxiety), however, it did not find significant effects of the type of ostracism on self-esteem and belongingness levels, in ostracizers. Both several of the reasons for ostracism previously found in the literature and novel reasons were found. Reasons for these results were discussed in this research.

Keywords: Ostracism; Ostracized; Ostracizer; Explicit; Implicit

Índice

Introdução.....	1
Capítulo I: Hipóteses.....	9
Capítulo II: Método.....	12
Amostra/participantes.....	12
Procedimento.....	13
Variáveis.....	14
Instrumentos.....	16
Capítulo III: Resultados.....	19
Análise quantitativa.....	19
Análise qualitativa.....	33
Capítulo IV: Discussão.....	36
Capítulo V: Limitações.....	46
Capítulo VI: Sugestões para estudos futuros.....	47
Conclusão.....	48
Referências.....	49
Anexos	

Índice de quadros

Quadro 3.1 – Médias e erro padrão do efeito do papel do sujeito nas diferentes dimensões, ao nível dos participantes na condição de ostracizado, com e sem os filtros aplicados.....	23
Quadro 3.2 – Médias e erro padrão do efeito do tipo de ostracismo nas diferentes dimensões, ao nível dos participantes na condição de ostracizado e ostracizador, com e sem os filtros aplicados.....	24
Quadro 3.3 – Médias e erro padrão do efeito do tipo de ostracismo nas diferentes dimensões com e sem os filtros aplicados.....	32

Introdução

Ostracismo

O estudo que aqui se representa tem como base o tema do ostracismo. Quando uma pessoa sente que está a ser colocada de parte podemos dizer que está a passar por um acontecimento denominado ostracismo (Williams & Sommer, 1997), sendo este processo de alguma regularidade no dia-a-dia das pessoas (Chung, 2017). Por conseguinte, é um processo que se consegue descrever em diversos níveis de intensidade, sendo que casos como em que não se fala com o outro, evitação de olhar o outro nos olhos, entre outros, são ocorrências de cariz leve, enquanto que o ostracismo também pode aparecer de um modo punitivo, como em casos em que um sujeito é, por exemplo, banido (Zadro, Boland & Richardson, 2006). Outra característica associada ao ostracismo é que pode demorar tanto pouco, como muito tempo, sendo que existem diversas situações, com diferentes intervalos temporais, em que podemos verificar que não há uma duração fixa para excluir alguém (Lustenberg & Williams, 2009).

A título de exemplo, este acontecimento é tão habitual, que foi encontrado em locais de trabalho, nos relacionamentos amorosos e no contexto escolar (revisto em Sommer, Williams, Ciarocco & Baumeister, 2010). Adicionalmente, no mundo animal podemos também encontrar o fenómeno do ostracismo (revisto em Williams & Sommer, 1997).

Este construto tem vindo a ser muito estudado, em diferentes vertentes do mesmo (Karlen & Daniels, 2011; Wesselman, Wirth, Pryor, Reeder, Williams, 2013; Mlika, Khelil & Salem, 2017; Wirth & Williams, 2009). Posto isto, decidimos investigar o assunto do ostracismo, pegando em duas diferentes perspetivas, que são de ostracizado e de ostracizador, e em dois tipos de ostracismo, o ostracismo explícito e o ostracismo implícito. No que é concernente a estes dois tipos de ostracismo referidos anteriormente, eles não estão claramente delimitados na literatura encontrada, dado que são mencionados algumas vezes de modo subtil e noutros artigos aparecem por este nome, porém não claramente definidos do modo que os concebemos neste estudo. Assim, um dos propósitos do estudo é clarificar um pouco mais a diferença entre estes dois tipos de ostracismo. As questões relacionadas com os dois papéis aqui referidos e os dois tipos diferentes de ostracismo também mencionados serão, posteriormente, aprofundadas. Primeiramente, é importante salientar alguns aspetos que dizem respeito ao estudo aqui apresentado. Este estudo foi inspirado e baseado, em parte, num artigo e, consequentemente, nos dois estudos inseridos no mesmo, que foi desenvolvido por Sommer et al. (2010). Uma das razões pelas quais o artigo foi muito pertinente para o

desenvolvimento do estudo presente foca-se no método utilizado pelos autores para efetuar a sua investigação, a qual foi usada, de um modo muito semelhante, para realizar o estudo deste artigo. Este método incluía, numa dada parte da participação, uma narrativa acerca de situações, quer em que o sujeito tinha sido ostracizado, quer acerca de situações em que o sujeito tinha ostracizado.

Outra coisa que o estudo de Sommer et. al (2010) incluía que acabou por ser considerada interessante a englobar no presente estudo foi ter em conta tanto a perspetiva de quem é ostracizado como de quem ostraciza. No estudo atual, no entanto, apenas foi pedido a cada um dos participantes que se inserisse na posição de ostracizado ou de ostracizador, ao invés de lhes ser requisitado um texto sobre cada uma das situações.

Ainda no que é explicativo do núcleo deste estudo, é importante salientar o porquê de se decidir estudar, neste caso, o ostracismo. Como já mencionado anteriormente, o ostracismo está inserido no nosso dia-a-dia (Williams & Sommer, 1997). Sendo este um processo tão comum no contexto de todos os seres humanos, é importante que conheçamos mais sobre ele e que entendamos cada vez melhor porque alguém iria excluir outra pessoa, socialmente, e quais as consequências que podem advir dessa situação. Deste modo, decidiu-se, neste estudo, tentar contribuir para o aprofundamento desta temática, tentando perceber um pouco mais como é que se processa o construto denominado ostracismo.

Posto, isto é importante entender-se, antes de começar a aprofundar-se o tema, como o ostracismo acontece, ou seja, de onde surge este momento de exclusão social e o que poderá levar a que as pessoas o façam. No que concerne ao porquê de uma pessoa estar a ostracizar a outra, já algumas explicações foram dadas por autores como Williams (1997 cit. por Sommer et al., 2010) e por Sommer et al. (2010), mais propriamente no que toca à forma de ostracismo nomeada de tratamento de silêncio. O primeiro autor, Williams (1997 cit. por Sommer, et al., 2010) dava como possíveis justificações para este acontecimento: um sujeito querer-se proteger; uma pessoa ter a necessidade de se afastar para espairecer; o sujeito estar distraído e não dar atenção ao outro, levando a que este se sinta ostracizado; como modo de castigar o outro; e, por fim, um ostracismo mais aceite e, até, expectável, socialmente. Já os segundos (Sommer et al., 2010) encontraram que exprimir desagrado, facilidade na utilização, finalização de um relacionamento, não ter mais formas de agir após ter tentado várias e evasão de conflitos são algumas das justificações para utilizar um tipo específico de ostracismo, nomeadamente, o tratamento de silêncio.

Em termos do ostracismo aquando do local de trabalho do sujeito, algumas razões encontradas focam-se em abuso de poder, ciúmes, falhas ao nível do diálogo, capacidade de persuasão e uma gestão que não é a melhor (Mlika et al., 2017).

Em adição é ainda dito por Schachter (1959, cit. por Lustenberg & Williams, 2009) que os sujeitos acabam por colocar o outro de parte se este último tiver uma ideia ou opinião que não é igual à do grupo em que se encontram inseridos e o sujeito não estiver na disponibilidade de mudar essa ideia. Por conseguinte, existe ainda a razão mostrada por Wesselmann et al. (2013), que é o facto de se ostracizar uma pessoa que está a ser um incómodo, no sentido em que está a prejudicar ou a ser um encargo, no sentido negativo, para o grupo. Esta razão foi encontrada num contexto de cyberostracismo, através do jogo de *Cyberball*.

Tendo isto em conta, já se percebendo um pouco mais dos motivos adjacentes ao ostracismo, é importante também verificar quais os efeitos deste processo nas pessoas, ou seja, quais as consequências que podem advir de um episódio em que o ostracismo acontece.

Nomeando algumas das consequências associadas ao ostracismo podemos relatar que frustração, ansiedade, solidão, timidez, aborrecimento, nervosismo, afastamento e tédio foram sentimentos encontrados em mulheres, aquando da exclusão social (Geller, Goodstein, Silver & Sternberg, 1974 cit. por Williams & Sommer, 1997). Nesta ótica, podemos referenciar Williams (1997, 2001 cit. por Zadro et al., 2006) que nomeia quatro dimensões que são afetadas negativamente pelo ostracismo, sendo estas o controlo, o sentimento de pertença, a existência significativa e a autoestima. Dentro do que toca a estas dimensões, foi verificado por Craighead, Kimball & Rehak (1979 cit. por Sommer et al., 2010) num estudo, que os sujeitos falavam de si de um modo mais desfavorável após terem-se inserido, mentalmente, numa situação de ostracismo social. Nesta linha de seguimento, Samolis e Williams (1994 cit. por Sommer et al., 2010) encontraram sentimentos de rejeição, tristeza, passividade, inutilidade, desapego e solidão quando replicaram o estudo anteriormente referido, sendo estes sentimentos mais fortes quando a pessoa pensava em si numa situação de exclusão social do que quando pensava em si numa situação de inclusão social.

Ainda no que é concernente ao ostracismo e o seu efeito nos outros, é possível verificar que os sujeitos têm mais propensão a despedir-se, a terem menos bem-estar e a terem atitudes mais desagradáveis ou brutas para com os outros, aquando da exclusão social inserida

no local de trabalho da pessoa (Ferris, Brown, Berry & Lian, 2008 cit. por Chung, 2017; O'Reilly & Robinson, 2009 cit. por Chung, 2017).

Já numa temática mais física, existe a consequência da dor social, defendida por MacDonald & Leary (2005), que Panksepp (1998, 1978 cit. por MacDonalds & Leary, 2005) desenvolvera, à priori.

Ostracismo explícito e implícito

Face ao exposto, e tendo já clarificado melhor o que é ostracismo e qual o seu papel na vida das pessoas, bem como o que leva os seres humanos a usá-lo e os efeitos que tem, pode passar-se a explicar um pouco melhor os dois tipos de ostracismo referidos anteriormente, que serão foco neste estudo, que se tratam do ostracismo explícito e implícito. Estes dois conceitos são considerados, neste estudo, como construtos que foram mencionados na literatura, de modo implícito, sendo que um dos intuitos desta investigação é de os clarificar um pouco mais. Também em alguma literatura encontrada pode verificar-se que foram utilizados estes termos, porém, nem sempre para descrever aquilo que consideramos que os termos significam, na ótica da presente investigação.

Por conseguinte, na perspetiva deste estudo, ostracismo implícito e ostracismo explícito são dois conceitos que se considera existir, porém, não estão claramente definidos de um modo claro e aprofundado na teoria já existente. Assim, conceitua-se, neste estudo, ostracismo explícito como o ato de excluir socialmente alguém tendo em conta que lhe é comunicado claramente que esse processo está a ocorrer e/ou porquê. No caso do ostracismo implícito, considera-se ser o processo de exclusão social em que não é comunicado ao ostracizado claramente que se está a excluí-lo socialmente e não lhe é também dada uma razão diretamente para isso estar a acontecer.

O considerado por nós ostracismo implícito tem vindo a ser referenciado, em alguma literatura, como em Lustenberg & Williams (2009), em que é feita menção ao facto de, em alguns casos, uma pessoa presente numa situação em que outra está a ser excluída socialmente, ou a própria vítima do ostracismo, pode nem sempre aperceber-se deste acontecimento ou do porquê do mesmo, considerando-se assim, a partir da perspetiva do presente estudo, que a pessoa que estava a ostracizar não comunicou claramente ao ostracizado que isto estava a ocorrer.

No que é considerado por nós como ostracismo explícito, podemos referir-nos a exemplos da literatura que falam, por exemplo de banir alguém ou exílio (Williams, Forgas, Hippel, 2005), ou seja, são casos em que se coloca a pessoa de parte, socialmente, e em que lhe é comunicado claramente que isso vai ou está a acontecer. Por exemplo, um relacionamento que termina e em que é dito à pessoa que não se quer voltar daí a diante a falar com ela por causa do término da relação, considera-se, nesta perspetiva um momento de ostracismo explícito. São pequenas situações que ocorrem com maior regularidade do que notamos, por norma, em que se está perante um acontecimento de ostracismo que é claro e direto e, por isso, explícito.

Estudos como os de Sommer e Baumeister (2002), que tocaram no tópico da rejeição implícita, provocando esta última através de *priming*, numa tarefa em computador, e também através de uma tarefa com conjuntos de palavras, e como o de Eisenberg, Lieberman e Williams (2003), que referem os conceitos de exclusão explícita e implícita, são estudos em que estes dois tipos de situação são um pouco mencionados, porém, com um significado e interpretação um pouco diferente dos que damos neste estudo, a estes dois conceitos.

Um conceito que se pode relacionar um pouco com esta temática denomina-se de clareza causal. À perceção das pessoas acerca da sua exclusão social chama-se clareza causal (Williams & Sommer, 1997). O ostracizado pode, ou não, compreender a razão pela qual está a ser colocado de parte, sendo que Sommer et al. (2010), nos seus estudos em que exploraram uma forma específica de ostracismo, o tratamento de silêncio, supuseram que se encontrariam maiores níveis de angústia quando as pessoas fossem excluídas e não tivessem bem a noção da razão pela qual isso estava a ocorrer. Aquando do seu estudo encontraram que, quando as pessoas não compreendiam o que estava na origem da exclusão, tendiam a ter pensamentos negativos sobre si mesmos e a considerar que o relacionamento delas com o ostracizador não transmitia estabilidade, mas também verificaram que não era ativada uma posição mais defensiva quando as pessoas não tinham conhecimento da razão da exclusão. Também no que toca ao senso de perda de controlo, esta variável não demonstrou ser mais alta na condição onde as pessoas não conheciam a razão de estarem a ser excluídas, face à condição onde tinham esse conhecimento. Conclusivamente, nas dimensões autoestima e pertença foi encontrada uma maior ameaça às mesmas aquando da exclusão social em que não se sabia qual a razão pela qual estava a acontecer, face à exclusão social com esse entendimento claro.

Curiosamente, estes mesmos autores (Sommer et al., 2010) realizaram outro estudo nesta ótica, porém, com uma amostra diferente e com uma modificação no modo como procederam, encontrando assim alguns resultados opostos aos encontrados anteriormente. Deste modo, verificaram neste segundo estudo que, quando as pessoas não tinham a noção do porquê de estarem a ser ostracizados tinham o seu sentimento de controlo menos ameaçado do que quando tinham consciência das razões do acontecimento. Já na dimensão da autoestima os resultados foram de encontro ao que foi verificado no estudo anterior.

É interessante verificar que o estudo destes autores foi contra os resultados já encontrados por Williams & Williams (1999 cit. por Sommer et al., 2010), nos quais a vontade que o sujeito tinha de controlar foi menos aumentada aquando do ostracismo no qual as pessoas sabiam o porquê de estarem a ser excluídas do que quando o ostracismo ocorria sem percepção clara do porquê.

A clareza causal acaba por se interligar com estes dois tipos de ostracismo porque, dado a ser um conceito que se relaciona com a percepção das pessoas sobre o seu ostracismo, também refere um pouco a questão de o ostracismo estar a ser explícito ou implícito, porque se o indivíduo sabe exatamente o porquê de estar a ser colocado de parte, podemos considerar que o ostracismo foi, de certo modo, explícito, na perspetiva deste conceito que utilizamos neste estudo.

Perspetivas de ostracizado e ostracizador

Posto isto, como já mencionado, irá também ser discutida a temática das duas perspetivas no ostracismo, ou seja, que de quem o pratica e de quem o sofre. Neste caso, a escolha de estudar as duas perspetivas focou-se no facto de, primeiramente, ser muito mais comum e fácil de estudar a perspetiva do ostracizado, o que se comprova pela mais elevada quantidade de estudos acerca desta perspetiva, face a estudos com a perspetiva do ostracizador, tornando-se esta última muito interessante de estudar para tentar perceber um pouco melhor este lado. De seguida, o estudo destes dois lados passa por também ser interessante ver, comparativamente, os efeitos e causas relacionados com o ostracismo nos “dois lados da moeda”.

Como já referido anteriormente, as perspetivas de ostracizado e ostracizador já foram estudadas, num contexto mais específico em que a exclusão social tomava a forma de tratamento de silêncio. Neste estudo verificou-se que os ostracizados eram vistos como mais magoados, com vontade de retaliar e evasivos quando a pessoa a contar a situação se

descrevia na posição de vítima, pela perspectiva dos participantes ostracizados, enquanto que os ostracizadores eram considerados como tendo maior controlo, tendo sido feita a sua vontade e tendo sido bem sucedido em encontrar uma solução para o desentendimento quando o sujeito estava a contar a história sendo ele o ostracizador. Adicionalmente, as diferenças continuam, por vezes, a denotar-se quando falamos de sentimentos como desconforto, solidão, culpa, frustração e danos no orgulho, já que estes, num dos estudos realizados, puderam ser encontrados com maior intensidade nos ostracizados do que nos ostracizadores, porém, noutro estudo, apenas os danos no orgulho se mantiveram de acordo com os resultados anteriormente mencionados, sendo que a frustração e a culpa já foram encontrados de modo igual em ambas as perspetivas. Já no que toca à rejeição, medo e mágoa, neste segundo estudo, verificou-se uma maior viabilidade de os encontrar nas pessoas que eram excluídas socialmente. Perante estes dois estudos, houve uma conformidade no papel da raiva nos ostracizados e ostracizadores, tendo aparecido sempre, e de modo semelhante, nas duas perspetivas (Sommer et al., 2010). Descobriu-se ainda que uma maior quantidade de pessoas referiam estar a ostracizar o outro ou a serem ostracizados devido à vontade de castigar a vítima (Sommer et al., 2010; Williams, Shore & Grahe, 1998 cit. por Sommer et al., 2010), porém, no outro estudo de Sommer et al. (2010), existiram algumas diferenças face a estas afirmações, sendo que já não houve igualdade de opiniões por parte dos ostracizados e dos ostracizadores acerca das razões do ostracismo. Neste caso, como último recurso e para castigar o outro constituem duas origens do ostracismo com a mesma probabilidade, segundo o que verificado nos relatos dos ostracizadores, tendo ainda uma pequena porção destes últimos indicado ainda que podiam aplicar o tratamento de silêncio para não se envolverem num conflito ou para espairecerem. Em adição à situação das perspetivas, é ainda importante salientar que nos estudos de Sommer et al. (2010) existiram algumas desigualdades ao nível do que foi pedido para as diferentes perspetivas, o que pode ter tido alguma influência nos resultados referidos.

No que toca ao modo como se sentem as pessoas nestes dois papéis, Zadro, Williams e Richardson (2005) realizaram um estudo, com o intuito de ver o que acontecia aos sentimentos de pertença, controlo, existência significativa e autoestima (Williams, 1997, 2001 cit. por Zadro et al., 2005) e em termos físicos, aos participantes, perante situações de uma discussão ou de ostracismo. Os resultados demonstraram maiores níveis de existência significativa, controlo, superioridade e pertença nos indivíduos que iniciavam a situação, fosse ela de ostracismo ou de discussão, do que nos sujeitos que a recebiam, ou seja, as

vítimas. No entanto, é importante salientar que estes resultados incluíam tanto situações de ostracismo como de discussão, portanto estes resultados são apenas referentes às diferenças entre papéis, não podendo ser apenas aplicados à questão do ostracismo.

Capítulo I

Hipóteses

O estudo em questão vai ser constituído por duas hipóteses e três questões exploratórias.

Hipótese 1: O ostracismo provoca níveis mais baixos de autoestima, pertença, existência significativa e controlo nos ostracizados do que nos ostracizadores e níveis mais altos de ansiedade e frustração nos ostracizados do que nos ostracizadores.

Esta hipótese é referente ao que já foi encontrado no geral, anteriormente, em outros estudos acerca do ostracismo, sendo esta hipótese uma forma de tentar replicar estes resultados. Foi encontrado, previamente, que os níveis de controlo, existência significativa, pertença e autoestima diminuía quando os sujeitos eram expostos ao ostracismo. Quanto às dimensões de frustração e ansiedade, estas demonstraram níveis superiores em indivíduos do sexo feminino que tinham sido ostracizados, quando comparados com os indivíduos do sexo feminino que não o tinham sido. No que toca à ansiedade e à frustração, estas apenas foram verificadas em mulheres, porém, com a ressalva de que foi em comparação entre pessoas ostracizadas e pessoas incluídas, não propriamente entre ostracizado e ostracizador. Nesta hipótese ir-se-á olhar para as diferenças entre ostracizado e ostracizador (e.g. revisto em Williams & Nida, 2011; Geller et al., 1974 cit. por Williams & Sommer, 1997).

Hipótese 2: Pessoas ostracizadas explicitamente sentem maior pertença e maior autoestima do que pessoas ostracizadas implicitamente.

No que concerne a esta hipótese, foi associada uma baixa da autoestima e do sentimento de pertença a situações em que as pessoas tinham sido excluídas socialmente e não tinham tido a clarificação de qual a razão de o terem sido (Taylor, 1983 cit. por Sommer et al., 2010; Taylor, Lichtman, Wood, 1984 cit. por Sommer et al., 2010). Posto isto, dado que consideramos que o ostracismo implícito está relacionado com circunstâncias em que as pessoas são excluídas socialmente sem lhes ter sido comunicado claramente que isso estava a acontecer nem porquê, fará sentido que as pessoas que forem ostracizadas deste modo demonstrem resultados semelhantes a estes já encontrados anteriormente, face às pessoas que foram ostracizadas explicitamente, ou seja, em que lhes foi comunicado claramente o que estava a acontecer e porquê.

Pergunta exploratória 1: Como se diferenciam as respostas dos ostracizadores consoante o tipo de ostracismo que estão a descrever – implícito ou explícito?

Sendo que esta questão não está explorada, pelo menos na literatura que encontrámos, esta é uma pergunta exploratória baseada, maioritariamente, nas nossas expectativas e ideias pessoais do que poderemos encontrar nos resultados. Pensa-se, por exemplo, que irá encontrar-se nos ostracizadores implícitos menos sensação de controlo do que nos ostracizadores explícitos, dado estes últimos, na nossa expectativa, terem exercido o ostracismo de um modo direto e claro.

Pergunta exploratória 2: O que irão os sujeitos, consoante o tipo de ostracismo sofrido, relatar acerca dos seus níveis de ansiedade?

Esta questão surge dado que a ansiedade tem sido estudada em diversas investigações que exploram o ostracismo (e.g. Mlika et al., 2017; Geller et al., 1974 cit. por Williams & Sommer, 1997). Desde modo, faz algum sentido que, quando adicionado o facto de ostracismo ser explícito ou implícito, possam existir variâncias no modo como os sujeitos sentem os seus níveis de ansiedade. Por conseguinte, fará também sentido que estes níveis se modifiquem quando se está ou no papel de ostracizado ou de ostracizador.

Pergunta exploratória 3: Algumas razões já encontradas anteriormente para justificar o ostracismo na literatura revista serão verificadas neste estudo.

Castigar alguém, defesa, ostracismo óbvio, estar um tempo afastado para ficar mais sereno e de modo a seguir as expectativas que se pensam subjacentes – estas são algumas das justificações encontradas para fundamentar o ostracismo (Williams, 1997 cit. por Sommer et al., 2010). No caso específico do tratamento de silêncio, estudado por Sommers et al. (2010), foram descobertas mais algumas explicações possíveis para o mesmo, nomeadamente, como ser a única forma que encontraram para lidar com o assunto, o facto de ser mais simples evitar a pessoa, para não ter que se defrontar com a pessoa, para acabar um relacionamento e para transmitir que algo não está bem.

Ainda ao nível de um outro tipo de ostracismo, o organizacional, foram encontradas algumas razões para o ostracismo, sendo estas o abuso do poder, uma comunicação pobre e o uso da persuasão, uma má gestão e, por fim, por ciúmes (Mlika et al., 2017).

Existe ainda uma justificação encontrada por Schachter (1959, cit. por Lustenberg & Williams, 2009) que é referente à impossibilidade de alterar a opinião do outro, que não é

consistente com o que o grupo pensa. Por último, Wesselmann et al. (2013) encontraram como possível justificação para o ato de ostracizar, ao nível do cyberostracismo, nomeadamente, através do jogo *Cyberball*, o facto de um sujeito estar a ser um embaraço para o grupo em que está, tornando-se um “fardo” para os mesmos, levando a que estes o colocassem de parte.

Capítulo II

Método

Amostra/participantes

No que toca ao número de pessoas que iniciaram o questionário, estas eram duzentas e cinquenta e nove, mas após eliminar todas as respostas em branco e as que não eram viáveis ou preenchiam todos os requisitos pretendidos, a amostra ficou constituída por setenta participantes, sendo cinquenta e dois dos mesmos do sexo feminino e dezoito do sexo masculino. As idades dos participantes encontram-se entre os 18 e os 60 anos ($M=29.70$, $SE=1.50$). No que é concernente à escolaridade, quarenta e sete dos participantes têm o ensino superior, dezoito participantes têm o 12º ano e cinco participantes têm o 9º ano. No que é relativo às condições (Ver anexo 1) em que foram inseridos, tendo estas sido aleatorizadas, existiam dezoito participantes na condição de ostracizado explícito, dezanove participantes na condição de ostracizado implícito, catorze participantes na condição de ostracizador explícito e dezanove participantes na condição de ostracizador implícito.

A amostra previamente descrita é uma amostra global, sendo que, posteriormente, foram criados dois filtros a aplicar à amostra para realizar a mesma análise com perspetivas diferentes, devido a duas situações que tornam complicado considerar a totalidade da amostra viável. A primeira situação consta em ter sido aplicada uma verificação da manipulação, que confirmou que quatro dos setenta participantes não compreenderam a condição que lhes tinha sido atribuída, previamente às respostas dadas. Assim, quando aplicado este filtro, a amostra passa a ter sessenta e seis participantes, cinquenta do sexo feminino e dezasseis do sexo masculino. As idades dos participantes encontram-se, com este filtro, na mesma entre os 18 e os 60 anos ($M=30.08$, $SE=1.58$). Neste caso, quarenta e quatro dos participantes têm o ensino superior, dezassete participantes têm o 12º ano e cinco participantes têm o 9ºano. Quanto às condições, passam a existir dezassete participantes na condição de ostracizado explícito, dezoito participantes na condição de ostracizado implícito, treze participantes na condição de ostracizador explícito e dezoito participantes na condição de ostracizador implícito.

O segundo problema constou em, ao analisar as respostas abertas dos participantes de modo a realizar também uma análise qualitativa dos resultados, terem sido encontradas várias situações que podem ser, na opinião dos investigadores, problemáticas. Estes casos constam

em situações em que o participante não respondeu, na opinião dos investigadores, sobre uma situação de ostracismo; situações em que não se tem a certeza se a situação que o participante respondeu pode ser, efetivamente, considerada ostracismo; situações em que os investigadores não consideram que a situação descrita se insere na condição requisitada ao participante, apesar de este ter respondido corretamente na verificação da manipulação; situações em que os investigadores têm dúvidas de se a situação que o participante descreveu se insere na condição requisitada ao mesmo, apesar de o participante ter respondido corretamente na verificação da manipulação; e, finalmente, situações em que os participantes demoraram um intervalo de tempo considerado muito elevado para terminar a resposta ao questionário, o que pode ter interferido com a fiabilidade das suas respostas. Posto isto, a amostra original com o filtro dos casos problemáticos aplicado possui cinquenta e cinco participantes, sendo quarenta e dois do sexo feminino e treze do sexo masculino. As idades, neste caso, encontraram-se, igualmente entre os 18 e os 60 anos ($M=28.60$, $SE=1.63$). Por conseguinte, colocando este filtro passam a ser quarenta e dois participantes com o ensino superior, onze com o 12º ano e dois com o 9º ano. No que é relativo às condições, passam a ser treze participantes na condição do ostracizado explícito, catorze participantes na condição de ostracizado implícito, dez participantes na condição de ostracizador explícito e dezoito na condição de ostracizador implícito.

Procedimento

Os participantes foram convidados a participar no questionário (Ver anexos 2, 3, 4 e 5) através da partilha do *link* pelo *Facebook* e também pessoalmente, através do questionário em formato papel. O *link* do questionário direcionava para o *site* do *Qualtrics (Provo, UT)*, onde o questionário estava inserido e onde foi desenvolvido. Apenas os sujeitos com idade igual ou superior a 18 anos podem participar no questionário. Ao abrir o *link* do questionário, os participantes eram direcionados para o consentimento informado. Este último tem informação acerca do que é o estudo, em que consiste o mesmo no geral e algumas indicações importantes, como o carácter voluntário da participação, o anonimato da mesma e o aviso sobre o tema ser de cariz sensível. Por fim esta parte engloba os contactos das investigadoras, caso os participantes queiram contactá-las por algum motivo. Aqui é também o local onde os participantes, caso queiram efetivamente participar no estudo, carregam no “Concordo” e prosseguem para o questionário em si.

Se o participante aceitar os termos do consentimento informado e decidir realizar o questionário, passa-se para uma explicação do ostracismo, explícito e implícito. Desta forma, seguindo-se a esta explicação, o participante vai ter acesso a uma questão, que será aleatoriamente selecionada pelo *Qualtrics*, a partir das quatro condições (Ver anexo 1) que estarão disponíveis (ostracizado explicitamente; ostracizado implicitamente; ostracizador explicitamente; e ostracizador implicitamente), em que lhe é pedido que pense e descreva uma situação que já vivenciou dentro da condição que lhe for atribuída. Esta questão é de resposta aberta e tem um mínimo obrigatório de caracteres de resposta, dada a pertinência desta pergunta para o desenvolver da investigação.

De seguida é pedido aos participantes que respondam a um conjunto de perguntas relativas à mesma situação que descreveram anteriormente, sendo cinco destas questões com escalas que examinam a autoestima, o sentimento de pertença, o sentimento de controlo, o sentido de existência significativa e o seu estado emocional atual, enquanto que outras quatro funcionam como verificações da manipulação, nomeadamente, duas relativas a se os participantes se sentiram ostracizados, uma concernente ao tipo de ostracismo no qual eles pensaram e outra relativa a se eles eram o ostracizador ou o ostracizado – estas duas últimas questões foram adicionados após um dado número de participantes já terem participado na recolha de dados. Estas duas questões são também as últimas a surgir no questionário, sendo que antes disso existe uma questão de resposta aberta e equivale a pedir aos participantes que descrevam o que pensam sobre a razão pela qual foi utilizado o ostracismo como método de atuar perante a situação que descreveram anteriormente e, de seguida, são requisitados aos participantes alguns dados sociodemográficos.

Por fim, caso os participantes completem o questionário, chegam então ao *debriefing*, que explica um pouco melhor em que consiste o estudo e agradece a sua participação e colaboração no estudo.

Variáveis

Variáveis independentes:

Tipo de ostracismo

A variável tipo de ostracismo divide-se em duas condições, sendo estas o ostracismo explícito e o ostracismo implícito. De modo a ajudar os participantes a compreender as

definições de ostracismo explícito e implícito foi incluído no questionário, aquando da manipulação do ostracismo, o seguinte texto.

Os participantes na condição de ostracismo explícito leram:

“Este estudo foi desenhado com o objetivo de explorar melhor o ostracismo como fenómeno e as consequências que acarreta nos indivíduos. Assim, segue uma breve explicação do que o ostracismo representa.

Podemos descrever o ostracismo como o processo de "ser ignorado e excluído" (Williams, 2007, p.429). Posto isto, é importante salientar que o ostracismo é um acontecimento bastante comum - todos nós já ostracizámos alguém e também já fomos ostracizados. Deste modo, à primeira vista parece um ato com que nenhum de nós se identifica, no entanto, facilmente alguém se chateia com um amigo ou colega e, durante um pequeno tempo, não lhe fala e "ignora-o", por estarem chateados. É recorrente também, por exemplo, terminar um relacionamento e não querer mais manter contacto com a pessoa, porque a relação não terminou de um modo positivo. Face ao exposto, existem diferentes graus deste acontecimento, que podem ir de um ostracismo mais leve a algo de uma dimensão bastante mais extensa.

O ostracismo pode variar desde uma situação em que as pessoas deixam de incluir um colega sem lhe explicar que o estão a fazer até uma ordem de restrição legal, onde o contacto com a pessoa é banido, e a própria polícia estará envolvida no ostracismo. O ostracismo pode ir desde a utilização do “tratamento de silêncio” por parte de um amigo ou namorado até à colocação de uma criança de castigo parada num sítio ou mandada para o quarto porque se está a portar mal. Dentro destas situações, existem situações em que o ostracismo não é claramente explicitado à pessoa que está a ser ostracizada, o que chamamos de ostracismo implícito. Nos casos em que é claramente transmitido o ostracismo à outra pessoa, chamamos-lhes de ostracismo explícito.

Posto isto, para este estudo, pedíamos que se focasse numa situação em que tivesse sido alvo de ostracismo explícito, ou seja, em que se tenha sentido excluído e lhe tenham comunicado claramente que o estavam a fazer e porquê.”

Quando na condição de ostracismo implícito, o texto era exatamente igual, apenas diferia o último parágrafo, que dizia o seguinte:

“Posto isto, para este estudo, pedíamos que se focasse numa situação em que tivesse sido alvo de ostracismo implícito, ou seja, em que se tenha sentido excluído pelos demais sem que estes lhe tivessem comunicado claramente que o estava a fazer e porquê.”

Papel da pessoa

A variável papel que a pessoa desempenha divide-se em duas condições, sendo estas a de ostracizado e de ostracizador. Os ostracizados constam nos sujeitos que sofrem o ostracismo, enquanto que os ostracizadores constituem os sujeitos que realizam o ostracismo aos outros.

Variáveis dependentes

As variáveis dependentes incluídas (descritas abaixo) foram o sentimento de pertença, a autoestima, o controlo, a existência significativa, sentimentos diversos e a perceção de exclusão.

Instrumentos

No que é relativo ao instrumento, é necessário salientar que a manipulação relativa ao papel que a pessoa executa no processo de ostracismo (ostracizado explícito, ostracizado implícito, ostracizador explícito ou ostracizador implícito) foi baseada no artigo desenvolvido por Sommer e colegas (Sommer et al., 2010), no qual eles pediram aos seus participantes para descreverem uma situação em que tinham sido a vítima de ostracismo. Posto isto, a nossa manipulação assemelha-se à deste estudo, porém, no caso do nosso estudo, é pedido a cada pessoa que se insira apenas num dos papéis, ou de ostracizador ou de ostracizado, tendo também sido colocada de um modo mais geral para se adequar ao nosso tipo de manipulação do ostracismo.

A etapa seguinte traduz-se num conjunto de escalas de 1 a 5 (1- De maneira nenhuma; 5- Muitíssimo), sendo estas escalas de tipo Likert. A tradução das escalas que foram utilizadas foi retirada da Dissertação de Mestrado realizada por Daniel Freire (Freire, 2016). Quando necessário, foram revertidos alguns itens. Seguem-se as escalas referidas:

Sentimento de pertença

Esta escala é originalmente do artigo de Zadro, Williams & Richardson (2004), e foi traduzida e adaptada por Daniel Freire (2016) e tem cinco itens, como por exemplo “Senti que pertencia à equipa” e “Senti-me desconectado/a”. Ao ser testada nesta investigação a escala demonstrou uma boa consistência interna ($\alpha=.84$). Foi criada, através destes itens, a variável compósita Pertença.

Autoestima

Esta escala é originalmente do artigo de Zadro et al. (2004), e foi traduzida e adaptada por Daniel Freire (2016) e tem cinco itens, como por exemplo “Senti que gostaram de mim” e “Senti-me bem comigo mesmo/a”. Ao ser testada nesta investigação a escala demonstrou uma boa consistência interna ($\alpha=.83$). Foi criada, através destes itens, a variável compósita Autoestima.

Existência significativa

Esta escala é originalmente do artigo de Zadro et al. (2004), e foi traduzida e adaptada por Daniel Freire (2016) e tem cinco itens, como por exemplo “Senti-me útil” e “Senti-me importante”. Ao ser testada nesta investigação a escala demonstrou uma boa consistência interna ($\alpha=.85$). Foi criada, através destes itens, a variável compósita Existência Significativa.

Controlo

Esta escala é originalmente do artigo de Zadro et al. (2004), e foi traduzida e adaptada por Daniel Freire (2016) e tem cinco itens, como por exemplo “Senti-me poderoso” e “Senti que os outros elementos decidiram tudo”. Ao ser testada nesta investigação a escala demonstrou uma consistência interna razoável ($\alpha=.79$). Foi criada, através destes itens, a variável compósita Controlo.

Diversos sentimentos

Esta escala foi retirada da dissertação de mestrado de Daniel Freire (2016) e adaptada neste estudo, tendo sido adicionados itens à escala. A escala no presente estudo tem onze itens, como, por exemplo “Agradado” e “Zangado”.

Percepção de serem ignorados ou excluídos

Esta escala é originalmente do artigo de Zadro et al. (2004), e foi traduzida e adaptada por Daniel Freire (2016), sendo que foram adicionados itens por este último à escala original. A escala tem dois itens, como, por exemplo “Eu fui excluído”. Ao ser testada nesta investigação a escala demonstrou uma boa consistência interna ($\alpha=.86$). Foi criada, através destes itens, a variável compósita Percepção de Exclusão.

As questões demográficas remetem ao pedido aos participantes do seu género, da sua idade e, por fim, das suas habilitações literárias.

Condições

O estudo em questão irá focar-se em quatro condições que irão ser aleatorizadas para que cada participante apenas responda a uma delas (Ver Anexo 1).

Capítulo III

Resultados

Análise quantitativa dos dados

Foi realizada uma verificação para ver se a manipulação de papel tinha sido bem-sucedida, utilizando o teste ANOVA de uma via. Esta verificação foi realizada para averiguar se, efetivamente, os participantes se sentiram incluídos ou excluídos, consoante a condição atribuído. Confirmando o sucesso da manipulação do papel dos participantes, sem qualquer filtro, os participantes que tinham a condição de ostracizado ($M=3.70$, $SE=0.21$) sentiram-se mais excluídos que os participantes a quem foi atribuída a condição de ostracizador ($M=2.02$, $SE=0.23$), $F(1,68)=29.25$, $p<.001$. Com o filtro que retira as pessoas que não compreenderam a condição que lhes foi atribuída aplicado, volta a verificar-se que as pessoas inseridas na condição de ostracizado ($M=3.70$, $SE=0.21$) se sentiram mais excluídas do que os participantes a quem foi atribuída a condição de ostracizador ($M=1.86$, $SE=0.22$), $F(1,64)=36.29$, $p<.001$. Quando aplicado o filtro que retira os casos problemáticos da amostra, voltam a encontrar-se resultados que vão no mesmo sentido que os anteriores, ou seja, os participantes na condição de ostracizado ($M=4.00$, $SE=0.23$) demonstraram sentir-se mais excluídos que os participantes a quem foi atribuída a condição de ostracizador ($M=2.02$, $SE=0.23$), $F(1,53)=37.06$, $p<.001$.

Foi, em adição, realizada uma análise fatorial exploratória, ao nível dos cinco itens das quatro escalas relativas ao controlo, à existência significativa, à pertença e à autoestima. Em cada um dos casos, as cargas fatoriais são aceitáveis. Na escala relativa à pertença as cargas fatoriais foram entre 0.67 e 0.85, na escala de autoestima as cargas fatoriais apareceram entre 0.70 e 0.87, na escala de existência significativa as cargas fatoriais apareceram entre 0.66 e 0.90 e, por fim, na escala de controlo as cargas fatoriais apareceram entre 0.64 e 0.90.

É importante ainda referenciar que a variabilidade nos graus de liberdade é relativa a dados em branco em alguns dos campos. É ainda de salientar que, apesar das diferentes médias aparecerem ao longo dos quadros apresentados, as diferenças entre médias significativas são descritas ao longo do texto.

O teste utilizado para testar a hipótese 1 constituiu a ANOVA de uma via. No que é concernente à hipótese 1, que supunha que se encontrariam consequências quando um sujeito

passa por uma situação de ostracismo, nomeadamente, ao nível da autoestima, controlo, existência significativa, pertença, frustração, ansiedade, a hipótese foi quase totalmente suportada, à exceção do que é relativo aos níveis de ansiedade. Todas as médias desta secção estão incluídas na Quadro 3.1.

No que concerne à autoestima, sem qualquer filtro adicionado, foi encontrado um efeito principal significativo do papel que a pessoa desempenha na autoestima do sujeito, $F(1,68)=5.86, p=.018$. Os participantes na condição de ostracizador ($M=2.59, SE=.17$) demonstraram níveis de autoestima mais elevados que os participantes na condição de ostracizado ($M=2.02, SE=.16$). Com o filtro que retira os sujeitos que não responderam de acordo com a condição pedida, foi encontrado um efeito principal significativo do papel da pessoa na autoestima, $F(1,64)=7.31, p=0.009$. Os participantes na condição de ostracizador ($M=2.65, SE=.18$) demonstraram maiores níveis de autoestima do que os participantes na condição de ostracizado ($M=2.00, SE=.17$). Com o filtro que retira os casos problemáticos, foi encontrado um efeito principal significativo do papel que a pessoa desempenha na autoestima do sujeito, $F(1,53)=6.82, p=.012$. Os participantes na condição de ostracizador ($M=2.54, SE=.18$) demonstraram ter maiores níveis de autoestima face aos participantes na condição de ostracizado ($M=1.87, SE=.18$).

No que é relativo ao controlo, sem qualquer filtro aplicado, foi também encontrado um efeito principal significativo do papel que a pessoa desempenha nos seus níveis de controlo, $F(1,68)=11.29, p=.001$. Os participantes na condição de ostracizador ($M=2.85, SE=.16$) revelaram níveis superiores de controlo face aos participantes na condição de ostracizado ($M=2.13, SE=.15$). Também quando aplicado o filtro que retirava os sujeitos que não responderam segundo a condição pretendida se encontra um efeito principal significativo do papel nos sentimentos de controlo, $F(1,64)=11.95, p=.001$. Os participantes na condição de ostracizador ($M=2.89, SE=.16$), com este filtro, demonstraram maiores níveis de controlo do que os participantes na condição de ostracizado ($M=2.12, SE=.15$). Após se aplicar o filtro que retira os casos problemáticos da amostra, encontra-se novamente um efeito principal significativo do papel da pessoa nos seus níveis de controlo, $F(1,53)=9.21, p=.004$. Neste caso os participantes na condição de ostracizador ($M=2.84, SE=.17$) voltam a apresentar níveis superiores de controlo face aos participantes na condição de ostracizado ($M=2.12, SE=.17$).

No que é concernente à existência significativa, sem qualquer filtro aplicado, foi encontrado um efeito principal significativo do papel nos sentimentos de existência

significativa, $F(1,68)=12.49$, $p=.001$. Os participantes na condição de ostracizador ($M=3.22$, $SE=.19$) demonstraram valores de existência significativa mais elevado que os participantes na condição de ostracizado ($M=2.31$, $SE=.18$). Quando aplicado o filtro que retira os sujeitos que não responderam segundo a condição que lhes foi atribuída, continua a verificar-se um efeito principal significativo do papel da pessoa nos seus níveis de existência significativa, $F(1,64)=12.69$, $p=.001$. Os participantes na condição de ostracizador ($M=3.30$, $SE=.19$) demonstraram valores de existência significativa superiores aos participantes na condição de ostracizado ($M=2.35$, $SE=.18$). Em adição, quando aplicado o filtro que retira os casos problemáticos da amostra, volta a verificar-se um efeito principal significativo do papel que as pessoas desempenham nos seus sentimentos de existência significativa, $F(1,53)=27.32$, $p<.001$. Neste caso, os participantes na condição de ostracizador ($M=3.30$, $SE=.18$) também demonstraram valores superiores de existência significativa face aos participantes na condição de ostracizado ($M=1.98$, $SE=.18$).

No que é relativo ao sentimento de pertença, ainda sem a aplicação de qualquer filtro, verificou-se um efeito principal significativo do papel que a pessoa desempenha nos seus níveis de pertença, $F(1,68)=23.28$, $p<.001$. Os participantes na condição de ostracizador ($M=3.26$, $SE=.18$) revelaram maiores níveis de pertença do que os participantes na condição de ostracizado ($M=2.07$, $SE=.17$). Adicionalmente, quando aplicado o filtro que retira os sujeitos que não responderam segundo a condição pedida, volta a verificar-se um efeito principal significativo do papel da pessoa nos seus sentimentos de pertença, $F(1,64)=24.09$, $p<.001$. Assim, os participantes na condição de ostracizador ($M=3.34$, $SE=.18$) demonstraram níveis superiores de pertença face aos participantes na condição de ostracizado ($M=2.11$, $SE=.17$). Quando inserido o filtro que retira os casos problemáticos, volta a ser verificado um efeito principal significativo do papel da pessoa nos seus níveis de pertença, $F(1,53)=32.02$, $p<.001$. Os participantes na condição de ostracizador ($M=3.26$, $SE=.18$) demonstraram, assim, valores de pertença mais elevados que os participantes na condição de ostracizado ($M=1.84$, $SE=.18$).

Foi analisada a informação acerca da frustração, no geral, e apenas entre os participantes do sexo feminino, dado aos dados que tínhamos serem de indivíduos apenas dentro dessa categoria. Volta a fazer-se a ressalva de que os dados prévios comparavam sujeitos incluídos e excluídos ao invés de ostracizados e ostracizadores.

No que é concernente à frustração, com todos os indivíduos, sem qualquer filtro aplicado, foi encontrado um efeito principal significativo do papel da pessoa na frustração, $F(1,67)=5.60, p=0.021$. Os participantes na condição de ostracizador ($M=3.16, SE=0.24$) reportaram níveis inferiores de frustração que os participantes na condição de ostracizado ($M=3.95, SE=.23$). Quando aplicado o filtro que retira as pessoas que não responderam segundo a condição pedida, volta a encontrar um efeito principal significativo do papel da pessoa na sua frustração, $F(1,63)=6.97, p=.010$. Os participantes na condição de ostracizador ($M=3.03, SE=.25$) reportaram níveis de frustração inferiores aos participantes na condição de ostracizado ($M=3.94, SE=.23$). Quando aplicado o filtro que retira os casos problemáticos da amostra, volta a encontrar-se um efeito principal significativo do papel da pessoa nos seus níveis de frustração, $F(1,52)=7.56, p=.008$. Os participantes na condição de ostracizador ($M=3.15, SE=.25$) reportaram níveis menores de frustração que os participantes na condição de ostracizado ($M=4.11, SE=.25$).

Para testar os resultados olhando apenas para os sujeitos do sexo feminino, foi realizada uma ANOVA de duas vias. Sem filtro ($F(1,65)=3.05, p=.09$) e com o filtro que retira os sujeitos que não responderam segundo a condição pretendida ($F(1,61)=3.79, p=.06$), encontraram-se efeitos marginalmente significativos do género na frustração. Sem filtro, os indivíduos do sexo feminino ($M=3.77, SE=.19$) demonstraram níveis maiores de frustração do que os indivíduos do sexo masculino ($M=3.11, SE=.33$) e com o filtro que retira os sujeitos que não responderam segundo a condição pretendida, os indivíduos do sexo feminino ($M=3.73, SE=.19$) demonstraram níveis de frustração mais elevados que os indivíduos do sexo masculino ($M=2.97, SE=.34$). Com o filtro que retira os casos problemáticos não se encontrou nenhum efeito significativo do género nos níveis de frustração ($F(1,50)=2.19, p=.15$). Já no que toca à interação bidirecional, sem filtro ($F(1,65)=2.12, p=.15$) e com o filtro que retira os casos que não responderam segundo a condição pretendida ($F(1,61)=2.59, p=.11$), não foi encontrada uma interação significativa. Quando aplicado o filtro que retira os casos problemáticos, foi encontrada uma interação bidirecional marginalmente significativa ($F(1,50)=3.52, p=.07$). Neste caso, os participantes na condição de ostracizado, do sexo feminino ($M=4.09, SE=.25$), demonstraram níveis superiores de frustração do que os indivíduos na condição de ostracizador, do sexo feminino ($M=3.61, SE=.29$).

No que é relativo à ansiedade, em todos os casos, quer sem filtro aplicado, quer com qualquer um dos filtros aplicados, não se encontrou qualquer efeito principal do papel da pessoa nos níveis de ansiedade, $F<1$, n.s (não significativo).

Para testar os resultados olhando apenas para os sujeitos do sexo feminino, foi realizada uma ANOVA de duas vias. Sem filtros ($F(1,65)=6.35, p=.01$), com o filtro que retira os casos que não responderam segundo a condição pretendida ($F(1,61)=9.23, p=.004$) e com o filtro que retira os casos problemáticos ($F(1,50)=5.57, p=.02$) foram encontrados efeitos significativos do gênero nos sentimentos de ansiedade. Sem filtros as mulheres ($M=3.46, SE=.20$) demonstraram níveis de ansiedade superiores aos dos homens ($M=2.47, SE=.34$), sendo que o mesmo aconteceu com o filtro que retira os casos em que os participantes não responderam segundo a condição pedida, tendo as mulheres demonstrado níveis de ansiedade ($M=3.45, SE=.20$) superiores aos dos homens ($M=2.22, SE=.35$). Quando aplicado o filtro que retira os casos problemáticos, as mulheres ($M=3.54, SE=.22$) voltaram a reportar níveis de ansiedade superiores aos dos homens ($M=2.43, SE=.42$). No que concerne às interações bidirecionais, nem sem filtros, nem com nenhum dos filtros, se demonstraram significativas ($F<1, n.s.$).

Quadro 3.1 – Médias e erro padrão do efeito do papel do sujeito nas diferentes dimensões, ao nível dos participantes na condição de ostracizado, com e sem os filtros aplicados

	Participantes na condição de ostracizado			Participantes na condição de ostracizador		
	Sem filtro	Filtro dos casos fora da condição pretendida	Filtro dos casos problemáticos	Sem filtro	Filtro dos casos fora da condição pretendida	Filtro dos casos problemáticos
Autoestima	2.02 (.16)	2.00 (.17)	1.87 (.18)	2.59 (.17)	2.65 (.18)	2.54 (.18)
Controlo	2.13 (.15)	2.12 (.15)	2.12 (.17)	2.85 (.16)	2.89 (.16)	2.84 (.17)
Existência significativa	2.31 (.18)	2.35 (.18)	1.98 (.18)	3.22 (.19)	3.30 (.19)	3.30 (.18)
Pertença	2.07 (.17)	2.11 (.17)	1.84 (.18)	3.26 (.18)	3.34 (.18)	3.26 (.18)
Frustração	3.95 (.23)	3.94 (.23)	4.11 (.25)	3.16 (.24)	3.03 (.25)	3.15 (.25)
Ansiedade	3.24(.24)	3.26(.25)	3.41(.28)	3.13(.26)	3.00(.27)	3.07(.28)

Todos os resultados, à exceção do que é relativo à ansiedade, foram de encontro ao que era esperado, confirmando as consequências já encontradas anteriormente noutros estudos.

O teste utilizado para testar a hipótese 2 constituiu a ANOVA de uma via. No que é relativo à segunda hipótese que se pretendeu explorar, primeiramente, é importante dizer que a amostra foi dividida para que se olhasse apenas para os participantes na condição de ostracizado. Esta hipótese pretende explorar se os sujeitos que estão na condição de ostracizado explicitamente irão sentir níveis maiores de autoestima e pertença face aos participantes na condição de ostracizado implicitamente (ver Quadro 3.2 para médias).

No que é relativo à autoestima, quer quando não existia qualquer filtro aplicado, como quando aplicado o filtro que retira os indivíduos que não responderam segundo a condição requisitada, não foi encontrado nenhum efeito principal do tipo de ostracismo na autoestima, ao nível dos participantes na condição de ostracizado, $F < 1$, n. s. Quando aplicado o filtro que retira os casos considerados problemáticos, não se verifica, novamente, nenhum efeito principal do tipo de ostracismo nos sujeitos na condição de ostracizado, ao nível da sua autoestima, $F(1,25)=1.62$, $p=.215$.

Quanto aos níveis de pertença, quer sem filtros aplicados, quem com qualquer um dos filtros, não se verifica nenhum efeito principal do tipo de ostracismo, nos participantes na condição de ostracizado, ao nível dos seus sentimentos de pertença, $F < 1$, n.s.

Quadro 3.2 – Médias e erro padrão do efeito do tipo de ostracismo nas diferentes dimensões, ao nível dos participantes na condição de ostracizado e ostracizador, com e sem os filtros aplicados

	Explícito		Implícito	
	Participantes da condição de ostracizado	Participantes da condição de ostracizador	Participantes da condição de ostracizado	Participantes da condição de ostracizador
Autoestima	Sem filtro: 2.03(.22)	Sem filtro: 2.61(.28) Filtro 1: 2.65(.29)	Sem filtro: 2.01(.22) Filtro 1: 2.02(.22)	Sem filtro: 2.57(.24) Filtro 1: 2.67(.25)

	Filtro 1*: 1.98(.23) Filtro 2**: 2.08(.22)	Filtro 2: 2.44(.34)	Filtro 2: 1.69(.21)	Filtro 2: 2.59(.25)
Controlo	Sem filtro: 1.92(.22) Filtro 1: 1.86(.22) Filtro 2: 1.97(.24)	Sem filtro: 3.06(.23) Filtro 1: 3.11(.24) Filtro 2: 3.06(.28)	Sem filtro: 2.33(.21) Filtro 1: 2.37(.22) Filtro 2: 2.26(.23)	Sem filtro: 2.70(.19) Filtro 1: 2.73(.20) Filtro 2: 2.72(.21)
Existência significativa	Sem filtro: 2.13(.27) Filtro 1: 2.14(.28) Filtro 2: 1.69(.24)	Sem filtro: 3.13(.28) Filtro 1: 3.15(.28) Filtro 2: 3.16(.31)	Sem filtro: 2.48(.26) Filtro 1: 2.56(.27) Filtro 2: 2.24(.23)	Sem filtro: 3.30(.24) Filtro 1: 3.40(.24) Filtro 2: 3.38(.23)
Pertença	Sem filtro: 1.96(.24) Filtro 1: 1.99(.25) Filtro 2: 1.80(.22)	Sem filtro: 3.13(.28) Filtro 1: 3.19(.28) Filtro 2: 2.98(.33)	Sem filtro: 2.17(.24) Filtro 1: 2.22(.24) Filtro 2: 1.89(.22)	Sem filtro: 3.35(.24) Filtro 1: 3.46(.24) Filtro 2: 4.42(.25)
Frustração	Sem filtro: 4.22(.31) Filtro 1: 4.24(.33) Filtro 2: 4.31(.30)	Sem filtro: 3.29(.39) Filtro 1: 3.15(.39) Filtro 2: 3.30(.47)	Sem filtro: 3.68(.30) Filtro 1: 3.67(.32) Filtro 2: 3.93(.29)	Sem filtro: 3.06(.34) Filtro 1: 2.94(.35) Filtro 2: 3.06(.36)
Ansiedade	Sem filtro: 3.33(.34) Filtro 1: 3.41(.35) Filtro 2: 3.77 (.37)	Sem filtro: 3.57(.40) Filtro 1: 3.46(.40) Filtro 2: 3.50(.49)	Sem filtro: 3.16(.33) Filtro 1: 3.11(.34) Filtro 2: 1.89(.22)	Sem filtro: 2.78(.35) Filtro 1: 2.65(.35) Filtro 2: 2.82(.37)

*Filtro 1: Filtro que retira os casos de participantes que não responderam segundo a condição pretendida da amostra

**Filtro 2: Filtro que retira os casos problemáticos da amostra

Por conseguinte, não foi possível verificar-se o que era pretendido através da hipótese colocada.

O teste utilizado para testar a pergunta exploratória 1 constituiu a ANOVA de uma via. No que é concernente à primeira pergunta exploratória, que pretende explorar quais as diferenças encontradas ao nível dos participantes na condição de ostracizador, consoante o

tipo de ostracismo que descrevem, seja ele implícito ou explícito, foi também utilizado o comando em que se separa a amostra, para olhar apenas para os participantes na condição de ostracizador.

No que é concernente à autoestima, tanto sem filtros aplicados, como na presença de qualquer filtro, não é possível verificar-se nenhum efeito principal do tipo de ostracismo ao nível da autoestima dos participantes na condição de ostracizador, $F < 1$, *n.s.*

No que é relativo ao controlo, não foi encontrado nenhum efeito principal do tipo de ostracismo nos níveis de controlo dos participantes na condição de ostracizador, quando não existia nenhum filtro aplicado, $F(1,31)=1.49$, $p=.231$. Quando aplicado o filtro que retira os sujeitos que não se inseriram dentro da condição que lhes fora pedida, continua sem existir um efeito principal do tipo de ostracismo no sentimento de controlo dos participantes na condição de ostracizador, $F(1,29)=1.46$, $p=.237$. Quando se aplica o filtro que elimina os casos problemáticos, continua sem se encontrar um efeito principal significativo do tipo de ostracismo nos níveis de controlo sentidos pelos participantes na condição de ostracizador, $F < 1$, *n.s.*

No que é concernente à existência significativa, quer sem a presença de qualquer filtro, quer com a aplicação de qualquer um dos mesmos, não é possível verificar nenhum efeito principal do tipo de ostracismo nos níveis de existência significativa nos participantes na condição de ostracizador, $F < 1$, *n.s.*

No que toca aos sentimentos de pertença, quer sem qualquer tipo de filtro aplicado, quer quando aplicado o filtro que retira os indivíduos que não responderam segundo a condição pedida, não se encontra nenhum efeito principal do tipo de ostracismo nos níveis de pertença dos participantes na condição de ostracizador, $F < 1$, *s.n.* Quando aplicado o filtro que retira os casos problemáticos, continua sem se encontrar nenhum efeito principal do tipo de ostracismo no sentimento de pertença dos participantes na condição de ostracizador, $F(1,26)=1.16$, $p=.292$.

Em termos de frustração, primeiramente, é importante salientar que existia um elemento a menos na amostra. Posto isto, quer quando não aplicado nenhum filtro, como na presença de qualquer um dos mesmos, não foi encontrado nenhum efeito principal significativo do tipo de ostracismo no nível do sentimento de frustração dos participantes na condição de ostracizador, $F < 1$, *n.s.*

Quanto à ansiedade, quando não se tem nenhum filtro aplicado, não se encontra nenhum efeito principal significativo do tipo de ostracismo na ansiedade, ao nível dos participantes na condição de ostracizador, $F(1,30)=2.24$, $p=.145$. Quando aplicado o filtro que retira os sujeitos que não responderam segundo a condição pedida, continua sem se encontrar um efeito principal do tipo de ostracismo na ansiedade dos participantes na condição de ostracizador, $F(1,28)=2.32$, $p=.139$. No que é relativo a quando é aplicado o filtro que retira os casos problemáticos, continua sem se encontrar um efeito principal do tipo de ostracismo nos níveis de ansiedade dos participantes na condição de ostracizador, $F(1,25)=1.22$, $p=.280$.

Não foi possível encontrar nenhum efeito principal do tipo de ostracismo nas várias dimensões dos participantes na condição de ostracizador, razão pela qual não se puderam ver as diferenças entre as respostas dos participantes na condição de ostracizador explícito e as dos participantes na condição de ostracizador implícito.

O teste utilizado para testar a segunda pergunta exploratória constituiu a ANOVA de uma via. A segunda pergunta exploratória é referente às respostas dos participantes na condição de ostracizado no que toca aos seus níveis de ansiedade e como estes se manifestam consoante o ostracismo por que passam ser de carácter explícito ou implícito. Sem qualquer tipo de filtro, não é encontrado nenhum efeito principal do tipo de ostracismo nos níveis de ansiedade dos participantes na condição de ostracizado, $F<1$, *n.s.* Quando aplicado o filtro que retira os sujeitos que não responderam segundo a condição pedida, também não se encontra nenhum efeito principal do tipo de ostracismo na ansiedade dos participantes na condição de ostracizado, $F<1$, *n.s.* Quando aplicado o filtro que retira os casos problemáticos da amostra, não se encontra, de novo, nenhum efeito principal do tipo de ostracismo nos níveis de ansiedade dos participantes na condição de ostracizado, $F(1,25)=1.81$, $p=.190$.

Posto isto, e já tendo sido tratadas todas as hipóteses e questões exploratórias que seriam exploradas com análise quantitativa, realizaram-se mais algumas análises adicionais para verificar mais alguns aspetos que poderiam ser interessantes para a investigação. Para realizar estas análises utilizou-se o teste ANOVA de duas vias.

Uma das análises consideradas interessantes a fazer constava em ver o que se encontrava ao nível das interações e dos contrastes. Assim, foi realizada a análise neste sentido, para as diferentes variáveis dependentes.

Autoestima

No que é alusivo à autoestima, sem qualquer filtro aplicado, o tipo de ostracismo não apresenta qualquer efeito principal significativo nos níveis de autoestima ($F < 1$, *n.s.*), enquanto que o papel da pessoa demonstrou um efeito principal significativo nos níveis de autoestima dos participantes ($F(1,66)=5.68$, $p=.020$). Posto isto, os participantes na condição de ostracizador ($M=2.59$, $SE=.18$) demonstraram níveis mais elevados de autoestima que os participantes na condição de ostracizado ($M=2.02$, $SE=.16$). Já a interação bidirecional não demonstrou ser significativa ($F < 1$, *n.s.*). Quando aplicado o filtro que retira os sujeitos que não responderam de acordo com a condição requisitada, continua sem se verificar um efeito principal significativo do tipo de ostracismo no nível de autoestima dos participantes ($F < 1$, *n.s.*), enquanto que o papel desempenhado pela pessoa demonstrou um efeito principal significativo nos níveis de autoestima dos sujeitos ($F(1,62)=6.98$, $p=.010$). Posto isto, os participantes na condição de ostracizador ($M=2.65$, $SE=.18$) demonstraram níveis mais elevados de autoestima face aos participantes na condição de ostracizado ($M=2.00$, $SE=.17$). A interação bidirecional não demonstrou ser significativa ($F < 1$, *n.s.*). Quando aplicado o filtro que retira os casos problemáticos da amostra, o tipo de ostracismo volta a não demonstrar um efeito principal significativo na autoestima dos participantes ($F < 1$, *n.s.*), porém, o papel dos indivíduos demonstra um efeito principal significativo nos seus níveis de autoestima ($F(1,51)=5.91$, $p=.019$). Os participantes na condição de ostracizador ($M=2.51$, $SE=.19$) apresentaram, assim, maiores níveis de autoestima que os participantes na condição de ostracizado ($M=1.88$, $SE=.18$). A interação bidirecional não demonstrou ser significativa ($F(1,51)=1.07$, $p=.305$).

Controlo

No que é concernente ao controlo, quer sem filtros aplicados, quer com filtros aplicados o efeito principal do tipo de ostracismo no controlo não se demonstrou significativo ($F < 1$, *n.s.*). Já quanto ao efeito do papel da pessoa no controlo, este demonstrou ser significativo sem filtros ($F(1,66)=12.43$, $p=.001$), com o filtro que retira os casos que não responderam segundo a condição pedida ($F(1,62)=13.40$, $p=.001$) e com o filtro que retira os casos problemáticos ($F(1,51)=10.11$, $p=.003$). Sem filtros aplicados, os participantes na condição de ostracizador ($M=2.88$, $SE=.16$) sentiram maiores níveis de controlo que os participantes na condição de ostracizado ($M=2.12$, $SE=.15$). Também com o filtro que retira os casos que não responderam segundo a condição pedida, os participantes na condição de

participantes na condição de ostracizador ($M=2.92$, $SE=.16$) sentiram maiores níveis de controlo que os participantes na condição de ostracizados ($M=2.11$, $SE=.15$). Quando aplicado o filtro que retira os casos problemáticos, voltou a verificar-se que os participantes na condição de ostracizador ($M=2.89$, $SE=.18$) sentem maiores níveis de controlo que os participantes na condição de ostracizado ($M=2.11$, $SE=.17$). Sem filtros aplicados ($F(1,66)=3.23$, $p=.077$) e com o filtro que retira os casos que não responderam segundo a condição pedida ($F(1,62)=4.00$, $p=.050$) encontrou-se uma interação bidirecional marginalmente significativa. Porém, com o filtro que retira os casos problemáticos, a interação bidirecional não demonstrou ser significativa ($F(1,51)=1.63$, $p=.207$).

Neste caso, ao olhar para os contrastes sem filtro ($F(1,66)=12.95$, $p=.001$) e com o filtro que retira os casos que não responderam segundo a condição pretendida ($F(1,62)=14.56$, $p<.001$), os contrastes entre os papéis de ostracizador e os de ostracizado são significativos. Nesta ótica, quando perante o ostracismo explícito, sem filtro aplicado, os ostracizadores ($M=3.06$, $SE=.24$) sentiram níveis de controlo mais elevados que os ostracizados ($M=1.92$, $SE=.21$) e também, com o filtro que retira os casos que não responderam segundo a condição pretendida, os ostracizadores ($M=3.12$, $SE=.25$) sentiram níveis de controlo mais elevados que os ostracizados ($M=1.86$, $SE=.22$). Quer sem filtros ($F(1,66)=1.65$, $p=.204$) como com o filtro que retira os casos que não responderam segundo a condição pedida ($F(1,62)=1.53$, $p=.220$), na condição de ostracismo implícito, o contraste entre os papéis de ostracizador e de ostracizado não foi significativo.

Existência Significativa

No que diz respeito à existência significativa, quando não se encontra qualquer filtro aplicado, o efeito principal do tipo de ostracismo nos níveis de existência significativa não é significativo ($F<1$, *n.s.*), no entanto, o efeito do papel da pessoa nos seus níveis de existência significativa demonstra ser significativo ($F(1,66)=11.98$, $p=.001$). Neste caso, os participantes na condição de ostracizador ($M=3.21$, $SE=.19$) apresentaram valores de existência significativa mais elevados do que os participantes na condição de ostracizado ($M=2.31$, $SE=.18$). A interação bidirecional não é significativa ($F<1$, *n.s.*). Quando se aplica o filtro que retira os participantes que não responderam segundo a condição atribuída, não se encontra novamente um efeito principal significativo do tipo de ostracismo nos níveis de existência significativa ($F(1,62)=1.53$, $p=.22$), mas volta a encontrar-se um efeito principal significativo

do papel da pessoa nos seus níveis de existência significativa ($F(1,62)=12.08, p=.001$). Os participantes na condição de ostracizador ($M=3.28, SE=.20$) reportaram níveis mais elevados de existência significativa do que os participantes na condição de ostracizado ($M=2.35, SE=.18$). Já no que diz respeito à interação bidirecional, esta continua a não ser significativa ($F<1, n.s.$). Quando aplicado o filtro que retira da amostra os casos problemáticos, o efeito principal do tipo de ostracismo nos níveis de existência significativa continua a não ser significativo ($F(1,51)=2.24, p=.141$) e o efeito do papel da pessoa nos seus níveis de existência significativa continua a ser significativo ($F(1,51)=25.67, p<.001$). Os participantes na condição de ostracizador ($M=3.27, SE=.18$) apresentam níveis de existência significativa superiores aos participantes na condição de ostracizado ($M=1.97, SE=.18$). A interação bidirecional continua a não ser significativa ($F<1, n.s.$).

Pertença

No que concerne aos níveis de pertença, sem qualquer filtro, o efeito principal do tipo de ostracismo nos níveis de pertença dos participantes não é significativo ($F<1, n.s.$). O papel que os participantes ocupam na situação de ostracismo demonstra um efeito principal significativo no sentimento de pertença dos mesmos ($F(1,66)=22.05, p<.001$). Os participantes na condição de ostracizador ($M=3.24, SE=.18$) apresentam níveis de pertença com valores superiores aos participantes na condição de ostracizado ($M=2.06, SE=.17$). A interação bidirecional não é significativa ($F<1, n.s.$). Quando se aplica o filtro que retira os sujeitos que não responderam segundo a condição pedida, o efeito principal do tipo de ostracismo nos níveis de pertença continua a não ser significativo ($F<1, n.s.$) e o efeito principal do papel que o participante desempenha nos níveis de pertença que ele sente continua a ser significativo ($F(1,62)=22.67, p<.001$). Os participantes na condição de ostracizador ($M=3.32, SE=.19$) apresentaram valores do sentimento de pertença mais elevados que os participantes na condição de ostracizado ($M=2.11, SE=.17$). A interação bidirecional mantém-se não significativa ($F<1, n.s.$). Quando aplicado o filtro que retira os casos problemáticos da amostra, o efeito principal do tipo de ostracismo nos níveis de pertença dos participantes mantém-se não significativo ($F(1,51)=1.05, p=.310$), enquanto que o efeito principal do tipo de papel das pessoas nos seus sentimentos de pertença continua a ser significativo ($F(1,51)=27.79, p<.001$). Os participantes na condição de ostracizador ($M=3.20, SE=.18$) apresentaram valores de sentimento de pertença superiores aos participantes na condição de ostracizado ($M=1.84, SE=.18$). Já a interação bidirecional continua a não ser significativa ($F<1, n.s.$).

Frustração

No que é alusivo à frustração, ainda sem nenhum filtro aplicado, o efeito principal do tipo de ostracismo nos níveis de frustração não foi significativo ($F(1,65)=1.31, p=.258$), porém, o efeito principal do papel da pessoa nos seus níveis de frustração foi significativo ($F(1,65)=5.42, p=.023$). Os participantes na condição de ostracizador ($M=3.17, SE=.25$) apresentaram níveis de frustração menores que os participantes na condição de ostracizado ($M=3.95, SE=.23$). A interação bidirecional não foi significativa ($F<1, n.s.$). Depois de aplicado o filtro que retira os sujeitos que não responderam segundo a condição pedida, o efeito principal do tipo de ostracismo nos níveis de frustração dos sujeitos não foi significativo ($F(1,61)=1.27, p=.265$), enquanto que o efeito principal do papel da pessoa nos seus níveis de frustração se demonstrou significativo ($F(1,61)=6.77, p=.012$). Os participantes na condição de ostracizador ($M=3.05, SE=.26$) apresentaram valores inferiores de frustração face aos participantes na condição de ostracizado ($M=3.95, SE=.24$). A interação bidirecional não foi significativa ($F<1, n.s.$). Após a aplicação do filtro que retira os casos problemáticos, o efeito principal do tipo de ostracismo nos níveis de frustração não foi significativo ($F<1, n.s.$), e o efeito principal do papel da pessoa nos seus níveis de frustração foi significativo ($F(1,50)=6.77, p=.012$). Os participantes na condição de ostracizador ($M=3.18, SE=.26$) apresentaram valores de frustração menores que os participantes na condição de ostracizado ($M=4.12, SE=.25$). A interação bidirecional não foi significativa ($F<1, n.s.$).

Ansiedade

No que é relativo à ansiedade, volta a salientar-se a falta de um elemento de resposta. Sem qualquer filtro aplicado, o efeito principal do tipo de ostracismo nos níveis de ansiedade dos participantes não se demonstrou significativo ($F(1,65)=1.89, p=.174$), tal como o efeito principal do papel da pessoa nos seus níveis de ansiedade ($F<1, n.s.$). A interação bidirecional também não foi significativa ($F<1, n.s.$). Após a aplicação do filtro que retira os sujeitos que não responderam de acordo com a condição pedida, o efeito principal do tipo de ostracismo nos níveis de ansiedade do sujeito não se demonstrou significativo ($F(1,61)=2.39, p=.127$), tal como o efeito principal do papel da pessoa nos seus níveis de autoestima não se demonstrou significativo ($F<1, n.s.$). A interação bidirecional não se demonstrou significativa ($F<1, n.s.$). Após a aplicação do filtro que retira os casos problemáticos da amostra, o efeito principal do tipo de ostracismo nos seus níveis de ansiedade apareceu como marginalmente significativo ($F(1,50)=2.95, p=.092$), enquanto que o efeito principal do papel da pessoa nos seus níveis de

ansiedade não demonstrou ser significativo ($F < 1$, *n.s.*). Na linha de ideias do efeito marginalmente significativo encontrado, o ostracismo explícito ($M = 3.64$, $SE = .30$) provocou maiores níveis de ansiedade do que o ostracismo implícito ($M = 2.95$, $SE = .26$). A interação bidirecional não foi significativa ($F < 1$, *n.s.*).

Quadro 3.3 – Médias e erro padrão do efeito do tipo de ostracismo nas diferentes dimensões com e sem os filtros aplicados

	Ostracismo explícito			Ostracismo implícito		
	Sem filtro	Filtro dos casos fora da condição pretendida	Filtro dos casos problemáticos	Sem filtro	Filtro dos casos fora da condição pretendida	Filtro dos casos problemáticos
Autoestima	2.29(.18)	2.27(.19)	2.24(.21)	2.29(.17)	2.34(.17)	2.19(.18)
Controlo	2.42(.17)	2.40(.18)	2.44(.202)	2.51(.16)	2.55(.16)	2.52(.17)
Existência significativa	2.57(.21)	2.58(.21)	2.33(.23)	2.89(.19)	2.98(.19)	2.88(.20)
Pertença	2.47(.21)	2.51(.22)	2.31(.24)	2.76(.19)	2.84(.20)	2.75(.21)
Frustração	3.81(.25)	3.77(.26)	3.87(.28)	3.38(.23)	3.31(.24)	3.45(.24)
Ansiedade	3.44(.25)	3.43(.26)	3.65(.30)	2.97(.24)	2.89(.24)	2.94(.26)

Análise qualitativa dos dados

Esta análise foi desenvolvida com o intuito de responder à pergunta exploratória 3. A análise qualitativa realizada ocorreu com ambos os filtros aplicados, ou seja, a amostra aqui referida não contém nem os casos dos indivíduos que não compreenderam a condição que lhe fora atribuída nem os casos que considerámos problemáticos, como já explicado anteriormente, tendo, neste caso, esta análise sido realizada com as respostas de cinquenta e cinco participantes. É de ter em conta que já foram, como mencionado previamente, encontradas algumas razões para diversas vertentes do ostracismo (Williams, 1997 cit. por Sommer et al., 2010; Sommer et al., 2010; Mlika et al., 2017).

Esta análise foi feita com as respostas dadas à pergunta que questiona os participantes sobre qual acham ser o motivo de ter ocorrido o ostracismo. Por conseguinte, ao analisar as respostas dadas pelos participantes, encontraram-se diversas razões que podem ser inseridas nas categorias anteriormente encontradas, tal como novas razões que ainda não tinham sido encontradas na literatura revista para este estudo.

No que é relativo às razões encontradas, que se inserem dentro de categorias já descobertas anteriormente, podem salientar-se motivos como o poder de persuasão e o abuso de poder, que são razões mais relacionadas com a manipulação. Uma razão também bastante encontrada, que se cruza com o que já fora encontrado anteriormente, concerne ao ostracismo sem o propósito de ostracizar, ou seja, não há propriamente um propósito específico, ocorre sem querer, por diversas razões associadas ao momento ou ao contexto. O uso do ostracismo para proteção própria e para evitar conflitos com os outros também são razões já encontradas na literatura que se repetem neste estudo, sendo que estas justificações se prendem mais numa posição defensiva da pessoa, que acaba por colocar o outro de parte de modo a evitar situações desconfortáveis a si mesmo. Um pouco nesta mesma ótica surge também como razão para excluir o outro socialmente o facto de ser a maneira mais fácil de lidar com a situação pela qual estão a passar com essa pessoa, por diversos motivos. A expressão “fácil” é denotada em diversas respostas como modo de descrever o ostracismo como uma razão, tornando óbvio que este é um adjetivo que os sujeitos associam a este modo de agir. Adicionalmente, como já verificado também em literatura anterior, muitas vezes as pessoas ostracizam para demonstrar a sua insatisfação com o outro, dado a algo que aconteceu entre eles, ou até mesmo para os castigarem. Terminar um relacionamento, seja ele de amizade ou amoroso, foi também um dos motivos reencontrados para ostracizar o outro. Adicionalmente,

é ainda importante referir o modo de pensar e ideias diferentes, que podem levar a que o outro seja ostracizado, caso estas sejam incapazes de se alterar, o que foi reencontrado nesta análise. É ainda verificado que uma razão para se ostracizar o outro consta em o sujeito não ter características que se adaptem à situação em que estão, o que se relaciona com o ostracizado constituir um embaraço ao grupo em que se insere por alguma razão. De modo a terminar a lista de motivos que já haviam sido encontrados previamente, com os quais nos deparámos, falta apenas mencionar a falta de comunicação como razão para este acontecimento.

Posto isto, salienta-se que várias das razões encontradas previamente, como já mencionado, tinham sido verificadas em contextos mais específicos de ostracismo, como, por exemplo, o ostracismo em formato de tratamento de silêncio. É interessante verificar que, quando pedido às pessoas para mencionarem razões, porém, referindo-se ao ostracismo generalizado, ou seja, não restringindo o formato de ostracismo ao pedirmos aos participantes para partilharem as suas situações e respetivas razões, conseguem encontrar-se razões repetidas às encontradas em formatos específicos do ostracismo.

Passando agora para o conjunto de razões encontradas que não foram de encontro aos motivos previamente achados na literatura, podemos começar por referir uma razão bastante expressada, que consta no facto de as pessoas terem personalidades diferentes, o que pode levar a uma situação de ostracismo. No fundo, esta razão pode, ou não, relacionar-se com uma justificação anteriormente encontrada, que é a de ostracizar alguém dado a opiniões divergentes (Schachter, 1959, cit. por Lustenberg & Williams, 2009), no entanto, neste caso estamos a referir-nos mais à maneira de ser da pessoa do que propriamente aos seus pensamentos ou motivações, por isso considera-se que possa diferir um pouco dessa outra razão. Por conseguinte, encontrou-se ainda, neste estudo, uma explicação semelhante à anterior, que é relacionada com diferença, mas mais propriamente no modo de trabalhar. Ainda na ótica da diferença, um dos motivos encontrados para ostracizar o outro consta, também, na dificuldade em aceitar ou lidar com a diferença. Em adição encontram-se, ainda, como justificações para excluir socialmente o outro, o facto de não se gostar da pessoa em questão ou não querer estar perto dela. Adicionalmente, se a pessoa não pertencer ao grupo em que estão inseridos naquele momento, também isso pode ser uma razão encontrada para justificar o comportamento de ostracismo. Ainda relacionado com a temática dos grupos, verifica-se a pressão social e a influência de outras pessoas como razões para ostracizar o outro.

Uma razão também bastante verificada consiste no facto de os sujeitos dizerem que não haveria outra forma de resolver a situação, senão com o processo de ostracismo. Esta justificação pode identificar-se com uma já encontrada na literatura, que é o facto de os sujeitos já terem tentado tudo e o ostracismo ser a última forma possível (Sommer et al., 2010), porém, neste caso trata-se, não propriamente de os ostracizadores terem tentado todas as outras formas possíveis, mas mais especificamente de não encontrarem outros modos que achem viáveis para resolver a questão, então escolhem o ostracismo. Foram, ainda, encontradas algumas razões que as pessoas atribuem, mais propriamente, ao carácter e atitude do ostracizador, como a ignorância e o egoísmo. Adicionalmente, foi verificado que um possível motivo para ostracizar o outro é o facto de não se querer explicar-lhe porque se quer afastar, então acaba-se por ostracizar, sendo um modo de evitar dar essa justificação. Esta razão acaba por ser um pouco semelhante à já encontrada na literatura, que vai de encontro à evitação do conflito (Sommer et al., 2010), porém, neste caso, não se trata propriamente de fugir a um momento de conflito, mas mais propriamente a dar a justificação que tem para se querer afastar do ostracizado. Encontrou-se ainda uma razão que também se assemelha com uma já encontrada anteriormente, que consta no ostracismo ser a maneira mais fácil de ação (Sommer et al., 2010), porém, neste caso, estamos a falar não propriamente do ostracismo como a saída mais fácil de todas, mas como uma saída fácil, que as pessoas acabam por escolher. Não é claro que se possa diferenciar, mas pelo entendido, há uma diferença entre ser a solução mais fácil encontrada e ser uma solução fácil, dentro de várias soluções. Em conclusão deste conjunto de motivos, foram encontradas diversas razões diferentes das identificadas na literatura para justificar o ostracismo, sendo a diferença entre indivíduos e grupos e o carácter simples e fácil de utilização do ostracismo dois grandes grupos de motivos nos quais se enquadram uma vasta quantidade das novas razões verificadas.

É de salientar que, de todas as razões aqui apresentadas, apenas três das razões encontradas foram unicamente encontradas ao nível da pergunta em que lhes era pedido para descreverem a situação, ou seja, não foram descritas também/ou na resposta à pergunta que pedia as razões pelas quais eles consideram ter ocorrido o ostracismo. Estas três razões enquadram-se no conjunto de justificações que este estudo encontrou como novas, nomeadamente, a inconciliabilidade dos métodos de trabalho, o ostracizado não pertencer ao grupo em que estão no momento e a dificuldade em lidar com a diferença.

Capítulo IV

Discussão

Este estudo foi realizado com o intuito de explorar diversas dimensões do ostracismo, tentando descobrir-se um pouco mais sobre ele. A primeira hipótese que se tentava verificar, com este estudo, baseava-se em tentar replicar os resultados já encontrados anteriormente (e.g. revisto em Williams & Nida, 2011; Geller et al., 1974 cit. por Williams & Sommer, 1997) no que toca às consequências que o ostracismo provoca nas pessoas, ao nível da ansiedade, frustração, pertença, existência significativa, controlo e autoestima. Esta hipótese foi confirmada quase na totalidade, visto que se encontraram, efetivamente, consequências mais negativas na maioria das dimensões estudadas. Ao nível da autoestima, do controlo, da existência significativa, da pertença, os sujeitos que se encontravam na condição de ostracizado reportaram menores níveis destas dimensões que os que estavam na condição de ostracizador, sendo estes resultados encontrados com e sem os filtros aplicados. Ao nível da frustração, quando tendo em conta toda a amostra, os participantes na condição de ostracizador demonstraram ter valores inferiores desta dimensão face aos participantes na condição de ostracizado, com e sem filtros aplicados. Quando tentando verificar se o género efetivamente tinha um papel significativo nos níveis de frustração, foram verificados alguns efeitos marginalmente significativos, que indicavam que as mulheres tendem a sentir-se mais frustradas que os homens. Porém, quando tentado olhar ao nível de interações, apenas na situação em que se tirava os casos problemáticos se encontrava uma interação marginalmente significativa, porém, que ia de encontro ao que se esperava, ou seja, que as mulheres ostracizadas sentiriam níveis superiores de frustração que as mulheres ostracizadoras.

A única dimensão que não foi possível confirmar consta na ansiedade, que não apresentou resultados significativos, nem com toda a amostra, nem olhando apenas para os participantes do sexo feminino. Nem com, nem sem filtros se encontraram interações bidirecionais significativas, sendo que apenas se encontrou que, efetivamente, as mulheres sentem maiores níveis de ansiedade que os homens.

É ainda importante dizer que apenas foi examinada a influência do género nesta análise e ao nível da frustração e da ansiedade, não foi pesquisada a influência do género em qualquer outra análise ou dimensão. Isto aconteceu porque, na literatura que tínhamos de estudos anteriores, sobre a ansiedade e a frustração, eram indicadas diferenças nos níveis de

ansiedade e frustração, apenas nos indivíduos de sexo feminino, quando comparadas mulheres excluídas com mulheres incluídas.

Todos estes resultados encontrados previamente fazem todo o sentido, dado que os ostracizadores serão os sujeitos que realizam o ostracismo, enquanto que os ostracizados o sofrem, sendo natural que os efeitos negativos recaiam principalmente ao nível destes últimos. Uma pessoa que está a ostracizar o outro terá sentimentos de controlo maiores, pois tem o poder de realizar a ação face ao outro, que sofre o ostracismo, não tendo propriamente um modo de controlar as ações do outro. Na autoestima, também tem toda a lógica que isto se verifique, dado que uma pessoa que está a ser excluída sentirá que não é boa o suficiente, ou que não tem características que agradem ao outro, desenvolvendo um pensamento depreciativo sobre si mesma, enquanto que a pessoa que está a ostracizar não terá este sentimento tão vincado, porque não é sobre si que está a recair o sentimento de exclusão, preservando o seu pensamento positivo sobre si mesmo. Quanto à existência significativa, também vai um pouco na ótica do que se passa com a autoestima, porque uma pessoa que está a ser colocada de parte poderá sentir que a sua existência ou presença não tem importância para os outros, tirando-lhe propósito, enquanto que o sujeito que provoca o ostracismo não terá esta dimensão tão afetada porque não está a ser posta em causa a sua pessoa ou presença como desagradável e, conseqüentemente, significativa. Quanto à frustração, também terá todo o sentido que um sujeito que está a ser excluído socialmente se irá sentir muito mais frustrado, porque está a ser alvo desta situação desagradável, do que o ostracizador, que tem, no fundo, o poder de iniciar e parar aquela situação a qualquer momento. Quanto à pertença, esta dimensão também demonstra a sua lógica ao aparecer em níveis superiores no ostracizador, porque este sujeito não estará a ter a sua pertença na situação ameaçada, enquanto que o sujeito ostracizado estará a sentir que não pertence ali, visto que está a ser colocado de parte.

Face aos aspetos encontrados para a hipótese 1, podemos confirmar que, efetivamente, o ostracismo se apresenta como um fenómeno que prejudica quem passa por ele, através de aspetos com carácter negativos que interferem no bem-estar do sujeito.

No que é concernente à segunda hipótese, esta tentava relacionar as duas dimensões do ostracismo supostas pelas investigadoras, nomeadamente, o ostracismo explícito e o ostracismo implícito, com os níveis de pertença e de autoestima dos sujeitos, dado que em estudos anteriores fora encontrado, não propriamente um efeito nestes dois aspetos pelo

ostracismo chamado explícito e implícito, mas por formatos que se assemelhavam ao que consideramos que sejam estes dois tipos de ostracismo, designadamente, a clareza causal ou a ausência da mesma, aquando de situações de exclusão social (Taylor, 1983 cit. por Sommer et al., 2010; Taylor, Lichtman, Wood, 1984 cit. por Sommer et al., 2010). Ao analisar os resultados não foi possível verificar esta relação que se pretendia, nem contrariar a mesma, dado a não terem sido encontrados efeitos principais significativos do tipo de ostracismo nestas dimensões, ao nível das pessoas que sofrem o ostracismo. Isto pode dever-se, possivelmente, à dimensão da amostra ser relativamente pequena, especialmente tendo em conta que se está apenas a olhar para os participantes na condição de ostracizados.

Ainda neste seguimento, foram encontrados alguns resultados em análise exploratória que podem ser interessantes para os tópicos acima descritos. Estes resultados focam-se no facto de ter-se verificado uma sugestão de interação entre o papel da pessoa no ostracismo e o tipo do ostracismo, em que, quando o ostracismo era explícito, os ostracizadores tendiam a sentir mais controlo que os ostracizados. Porém, quando se estava perante ostracismo implícito, esta diferença era atenuada. Este efeito encontrado não é muito forte, o que pode provavelmente ter a ver com a dimensão pequena da amostra e com o facto de alguns participantes não terem respondido de acordo com a condição pedida. Porém, apesar de este efeito não ser muito forte, vai numa direção explicativa interessante, que tem a sua lógica baseada no facto de que, quando estamos perante uma situação em que alguém é excluído ou exclui socialmente alguém e toda a situação está muito clarificada e esclarecida, os efeitos são muito mais demarcados nas pessoas e, conseqüentemente, as suas diferenças consoante o papel que desempenham na situação. Fará sentido que assim seja dado que, quando não há qualquer dúvida de que a situação de ostracismo está a ocorrer e/ou porquê, os sujeitos poderão sentir, por exemplo, no caso do ostracizado, que sabem que o outro não quer estar perto dele ou que as suas características e presença não agradam ao ostracizador, sentindo, conseqüentemente, níveis baixos das diferentes dimensões, ou seja, autoestima, pertença, etc. O ostracizador sentirá, portanto, um maior nível destas dimensões, porque terá sido claro e direto, sentindo, por exemplo, altos níveis de controlo, autoestima, entre outros. Quando uma pessoa não sabe, ao certo se está a ser ostracizada, as diferenças não estarão tão salientes, visto que, se o sujeito não tiver garantias de que o outro o está a pôr de parte, faz sentido que não se sinta tão mal ao nível da autoestima, que não sinta um efeito tão negativo na pertença, tal como nas outras dimensões.

Por conseguinte, passando-se à primeira pergunta exploratória, esta procurava entender um pouco mais acerca da perspetiva do ostracizador, já que é mais complicado investigar este ponto de vista, dado ser difícil simular uma situação natural em que o participante é o ostracizador. Assim, esta hipótese juntava a possibilidade de ver quais seriam as variações das respostas dos participantes em condição de ostracizadores com a investigação destas diferenças ao nível dos dois tipos de ostracismo que se supunha que existissem, o explícito e o implícito. Por conseguinte, nos resultados, não foram encontrados efeitos principais significativos do tipo de ostracismo nos ostracizadores, ao nível das diferentes variáveis dependentes. Assim, não foi possível explorar esta questão, do ponto de vista dos ostracizadores porque, mesmo com os filtros aplicados, não foi possível encontrar nenhum efeito principal significativo. Este acaba por ser um risco de explorar esta perspetiva, principalmente através de relatos dos participantes, pois é sempre mais complicado colocar a pessoa numa posição em que ela sente que está a excluir outra, existindo sempre a possibilidade de que muita gente não queira responder, especialmente tendo que escrever uma situação que se passou com elas, ou, noutros casos, que responda mas que não responda diretamente à questão ou à situação que lhe foi pedida para descrever, tentando relatar uma situação de outro carácter ou em que foi ela a ostracizada. Possivelmente, a dimensão da amostra foi um problema grande no que toca a conseguir resultados neste sentido, sendo que, novamente, está apenas a olhar-se para uma parte da amostra, que só se foca nos ostracizadores. Ainda se coloca a possibilidade de não ter sido possível obter corretamente os tipos de ostracismo que se queria nas respostas, nomeadamente, explícito e implícito, talvez por, em certas situações, os participantes não terem entendido claramente a diferença entre estes dois conceitos. Os filtros foram criados para tentar contornar estes problemas aquando da análise dos dados, porém, ao aplicar os filtros, reduz-se imenso a dimensão da amostra, prejudicando a viabilidade dos resultados.

Porém, foram realizadas mais algumas análises que podem contribuir para explorar esta questão, nomeadamente, ao nível das interações. Contudo, ao nível dos efeitos principais, no tipo de ostracismo, não foi encontrado nenhum efeito principal significativo no controlo, na autoestima, na existência significativa, na pertença e na frustração. Apenas na ansiedade, com o filtro que retira os casos problemáticos da equação, foi encontrado um efeito marginalmente significativo que indicava que o ostracismo explícito provocava níveis superiores de ansiedade face ao ostracismo implícito. Nesta ótica, podemos verificar que este resultado, apesar de não ser verdadeiramente significativo, indica um aspeto que vai numa

direção interessante, que seria de que, quando uma pessoa se encontra completamente ciente de que está a ser excluída socialmente, terá maior ansiedade do que quando esta exclusão social está a ocorrer de um modo mais subentendido. Seria interessante olhar para isto numa perspetiva de que, talvez, os sujeitos quando estejam a ser ostracizados explicitamente, o facto de terem a certeza de que isso está a ocorrer, pode causar o desconforto da situação e, conseqüentemente, a ansiedade de estar na mesma, enquanto que, no caso do ostracismo implícito, há ainda uma dúvida de se estará, eventualmente, a ocorrer exclusão social, o que pode trazer algum alívio nos níveis de ansiedade, visto que o ostracizado pode considerar que não sabe, ao certo, se efetivamente está a ser excluído. Porém, é importante salientar que estes resultados foram obtidos quando analisada a amostra toda, em conjunto, sem aplicar nenhuma divisão da mesma.

Quando verificado o que foi encontrado ao nível das interações bidirecionais, a única que se demonstrou perto de significativa, ou seja, marginalmente significativa foi a que tinha efeito nos níveis de controlo, sem filtro aplicado ou com o filtro que retira os casos que não responderam segundo a condição requisitada, como já mencionado anteriormente que, embora sendo este efeito não foi forte, tem uma direção que se torna interessante.

No que toca aos contrastes das condições, consoante as diferentes variáveis dependentes, foram encontrados contrastes ao nível da variável dependente controlo, pertença, existência significativa e da frustração. No que toca ao controlo, a condição de ostracizador explícito foi a que demonstrou os níveis mais elevados, enquanto que os participantes que demonstraram menores níveis de controlo constavam naqueles com a condição de ostracizado explícito. Assim, é interessante verificar que os níveis maiores e menores de controlo aconteceram, simultaneamente, no tipo de ostracismo explícito, neste caso, quando os sujeitos eram a fonte do ostracismo e comunicavam claramente o que estavam a fazer ao outro, sentiam os maiores níveis de controlo das quatro condições, enquanto que os ostracizados, quando lhes era comunicado claramente que estavam a ser colocados de parte socialmente, sentiam os menores níveis de controlo. Faz imenso sentido que assim seja pois, no primeiro caso, o sujeito não só está na origem do ostracismo como, ao comunicar ao outro o que está a fazer, está a assumir o controlo das suas ações, enquanto que a pessoa que sofre o ostracismo e lhe é dito que isso está a ocorrer sentirá, possivelmente, que não pode fazer nada quanto a isso e, portanto, sentirá níveis muito baixos de controlo.

A segunda pergunta exploratória consiste em perceber quais os efeitos do ostracismo, consoante o tipo de ostracismo, explícito ou implícito, nos níveis de ansiedade dos ostracizados. No entanto, não foi possível encontrar nenhum efeito principal significativo do tipo de ostracismo nos níveis de ansiedade dos participantes na condição de ostracizado, o que não permitiu explorar este aspeto.

Por fim, no que é relativo à terceira pergunta exploratória à qual se pretendia responder, esta era direcionada para o entendimento das razões que provocavam uma situação de ostracismo. Esta resposta foi obtida na ótica da análise qualitativa e tornou-se bastante interessante pois, em dados casos, foram encontradas razões que confirmam as que a literatura anterior já tinha descoberto e noutros foram encontradas novas razões que explicam o porquê de se ostracizar alguém, que não se tinham descoberto na revisão de literatura desenvolvida para esta investigação.

Uma primeira análise é focada nas razões que foram encontradas e vão de encontro às razões já descobertas na revisão de literatura (Williams, 1997 cit. por Sommer et al., 2010; Sommer et al., 2010; Mlika et al., 2017).

As razões que já se sabiam e voltaram a encontrar-se passam, primeiramente, por demonstrar o lado do ser humano que não gosta de se colocar em situações que o deixem mal ou provoquem desconforto, sendo assim muitas vezes utilizado o ostracismo como mecanismo de proteção, como meio de evitar conflitos e por ser o caminho mais fácil. As razões previamente apresentadas provam que, muitas vezes, a exclusão social não tem propriamente um objetivo de magoar o outro ou de lhe provocar sentimentos negativos, mas sim um objetivo mais focado no próprio ostracizador, que quer evitar sentir algo desagradável ou que o magoe. Dentro das razões que foram novamente verificadas e já tinham sido encontradas na literatura, temos ainda o término de relacionamentos, de diferentes naturezas, sendo esta razão uma prova de que o ostracismo consta num acontecimento, de alguma forma, comum, porque é muito habitual quando uma relação termina, seja ela de cariz amoroso, amigável ou profissional, que os indivíduos que a constituíam tenham algum tipo de afastamento social, visto que, por diferentes razões, decidiram que não iriam continuar a conviver. Ainda nesta temática, também foi dada como razão para excluir socialmente alguém, a pessoa não ter características ou opiniões que se assemelhassem ao outro, o que acaba por se interligar um pouco com a lógica dos relacionamentos pois, por norma, é comum não nos aproximarmos muito de alguém com quem não sentimos ter nenhum aspeto em

comum ou que divirja muito do nosso modo de pensar, o que tende a levar a que haja um afastamento social. Claro que, dependendo de como o ostracismo é aplicado, pode ter um carácter rude nestas circunstâncias, ou ser levado como uma situação em que simplesmente duas pessoas não se identificam, noutras situações. Esta razão faz sentido quando verificamos que os ostracizados tendem a sentir que a sua autoestima diminui aquando de um processo de ostracismo. Isto tem lógica dado que, quando sentimos que as nossas características são diferentes das do outro e, conseqüentemente, este se afasta de nós, tendemos a sentir que não somos seres desejáveis ou com características que agradem ao outro, tendo uma influência negativa no modo como pensamos sobre nós. Um pouco neste seguimento, verificou-se ainda que, por vezes, era excluído alguém, não propriamente por ser diferente do outro, mas sim por as suas características, no momento em que se encontravam, não serem as mais adaptáveis à situação. Tem algum fundamento que esta seja uma razão apontada, porém, faz sentido, segundo esta lógica, que os sujeitos ostracizados sintam a sua pertença afetada, dado que, quando somos colocados de parte porque não nos adaptamos, devido ao nosso perfil, a um contexto, sentimos que não somos bem-vindos ali, afetando o nosso sentido de pertença. Verificou-se, ainda, que as pessoas ostracizavam dado a existir uma lacuna na comunicação dos dois. É possível que esta razão esteja um pouco relacionada com outra já mencionada que é a de evitação de conflito ou de ostracismo como uma saída fácil pois, por vezes, se não há comunicação também pode existir um dado afastamento ou evitamento, provocando-se um processo de ostracismo.

No entanto, e apesar de as razões que têm estado a ser referidas terem um foco menos agressivo, não significa que a exclusão social não seja nunca usada como modo de castigar o outro ou de mostrar que não se gostou de algo que o outro fez, visto que estes também são motivos salientes. Outras das razões que são indicadas que se cruzam com o já visto anteriormente em outras investigações focam-se, ainda, numa vertente de usar a exclusão social de acordo a aplicar a vontade do ostracizador, ou seja, manipular o outro, sendo estas razões o facto de o ostracizador ter poder de persuasão e aplicá-lo e o abuso de poder. Por fim, no que toca às razões que já tinham sido anteriormente encontradas, podemos referir que se voltou a verificar que, em alguns casos, os ostracizadores não têm o intuito de excluir o outro e, por vezes, fazem-no até sem ter a noção que o estão a fazer.

Posto isto, é bastante interessante salientar novamente o que já fora referido ao nível dos resultados da análise qualitativa, ou seja, que embora diversas destas razões tenham sido, em artigos anteriores, encontradas em tipos específicos de ostracismo, quando pedimos para

relatar o ostracismo no geral aos participantes, sem pedir, por exemplo, para falarem de uma situação em que o ostracismo ocorreu no formato de tratamento de silêncio, várias das razões são encontradas do mesmo modo para justificar o ostracismo. No entanto, não deixa de ser interessante referir que se pediu aos participantes para olharem para o ostracismo como explícito ou implícito, o que pode ter tido influência nas razões que estes relataram.

Ainda na ótica das razões que foram relatadas e que tinham sido encontradas anteriormente, como reflexão final das mesmas, é curioso notar que há tantas diferentes razões para que um sujeito exclua socialmente o outro e que trazem uma perspectiva mais ampla do lugar do outro e da percepção de que há efetivamente, muitas vezes, razões para se colocar o outro de parte, socialmente, sem ser a justificação mais básica que tende a vir às nossas cabeças, que se foca muito no facto de quando se exclui alguém o intuito é puro e simplesmente de não o querer perto de nós porque tem características negativas ou desagradáveis. Como comprovado, muitas vezes o ostracismo ocorre devido a circunstâncias externas ao facto de a pessoa ter características negativas ou de ser desagradável, sendo, por exemplo, devido a ações que teve, por aspetos do meio envolvente em que se encontram ou até por razões mais ligadas às características do próprio ostracizador. Assim, é importante ter esta noção pois, dado que o ostracismo tem consequências negativas ao nível do ostracizado, talvez se a percepção deste for a de que as razões podem não estar propriamente sempre focadas no facto de ele ter características consideradas negativas como pessoa, a influência negativa que o ostracismo tem em aspetos como, por exemplo, a autoestima e a existência significativa, possa ser um pouco menor.

Passando para as razões encontradas neste estudo que não foram verificadas ao realizar a revisão da literatura para o mesmo, temos, em primeiro lugar, algumas que se cruzam um pouco com as anteriormente ditas e encontradas na literatura (e.g. Schachter, 1959, cit. por Lustenberg & Williams, 2009), mas que são ligeiramente diferentes, como o facto de duas pessoas terem personalidades diferentes, ou modos de trabalho divergentes. Curiosamente, uma outra razão encontrada foca-se em os ostracizadores terem, segundo as respostas dadas pelos participantes, dificuldade em lidar com a diferença. É interessante ver esta razão a surgir, dado que acaba por ser um quadro geral de muitas outras razões que apareceram anteriormente e também de razões que só apareceram neste estudo, como as opiniões diferentes, os modos de trabalhar diferentes e as personalidades divergentes.

Outro motivo pelo qual se pode colocar o outro de parte é o de não gostar do sujeito ou deste não estar inserido no nosso grupo social. Isto vai muito de encontro, de novo, com um argumento utilizado nas razões que já tinham sido verificadas em literatura anterior, que é o de que, quando não nos identificamos com alguém ou com as suas características, tendemos a afastar-nos. Ainda se encontrou que há exclusão social relacionada com a pressão ou influência dos outros que nos rodeiam, que se pode prender com alguma necessidade de agradar ao outro e de uma dimensão até mencionada nesta investigação, que é a necessidade de pertença.

O ostracismo demonstrou ter origem, também, segundo os participantes, no próprio ostracizador e nas suas características, nomeadamente, ignorância e egoísmo como parte do carácter do mesmo. Ainda é salientado pelos participantes o motivo de não haver outro modo de resolver uma dada situação com o sujeito, então terem que usar o ostracismo. Esta razão pode cruzar-se com a razão encontrada na literatura (Sommer et al., 2010), em que é dito que já foi tentado tudo e recorrem ao ostracismo porque não conseguiram resolver a situação de um outro modo, porém, é diferente no facto de não estarmos a falar de o ostracizador já ter tentado tudo, mas sim de só ver o ostracismo como a única maneira de lidar com aquela situação. O ostracismo mostrou decorrer também porque os sujeitos não quererem explicar o motivo pelo qual querem afastar-se do ostracizado, apenas o excluírem socialmente. Também este motivo vai de encontro a um já achado na literatura (Sommer et al., 2010), que se baseia em ostracizar alguém para não entrar numa situação conflituosa com o mesmo, porém, é diferente na ótica em que, aqui, trata-se um pouco mais de fugir à explicação do porquê de não querer estar com o outro e não propriamente pela possível existência de um conflito caso se falem. Em último lugar, uma razão encontrada para excluir alguém é ainda o facto de ser fácil simplesmente ostracizar o outro, em vez de lidar com ele ou com uma situação complicada com essa pessoa. Mais uma vez, esta é uma razão que se interliga muito com algumas razões já encontradas (e.g. Sommer et al., 2010), mas que tem a sua diferença, que é a de excluir alguém ser simplesmente um modo simples, não o mais simples, mas sim o facto de ser descomplicado simplesmente deixar de falar com a pessoa.

Em conclusão, face às novas razões encontradas com esta investigação, é interessante ver como há algumas variâncias de razões já verificadas anteriormente, mas às quais são aplicadas ligeiras diferenças, o que demonstra ainda mais a amplitude e complexidade do porquê de ostracizar alguém. Demonstrou-se, através destas razões, que muitas vezes os sujeitos com quem estamos ou o modo como pensamos e aceitamos a diferença, pode

influenciar como nos relacionamos com os outros e, por vezes, levar a que nos afastemos de algumas pessoas. Estas razões focam-se um pouco, novamente, na necessidade de evitar situações desconfortáveis e de ser relativamente fácil simplesmente não comunicar mais com alguém do que nos colocar num momento, em confronto com o outro, no qual não nos vamos sentir bem.

A conclusão geral no que toca às razões descobertas nesta investigação, quer as que vão de encontro à literatura anteriormente encontrada, quer nas novas razões descobertas, consoante a literatura achada, é de que o ostracismo acaba mesmo por ser um fenómeno presente no nosso dia-a-dia, que vem por diversas razões, que não tende a ocorrer sem fundamento ou necessariamente porque um sujeito é má-pessoa ou porque alguém é desinteressante. Foi mostrado que existe um grande nível de causa-efeito, muito mais complexo, que envolve muito mais, em certos casos, do que simplesmente dois indivíduos, o que ostraciza e o que é ostracizado. Existem vários elementos que podem interferir neste processo, quer características, quer terceiros, quer o passado e história entre as pessoas, quer o ambiente que os rodeia ou até mesmo o seu modo de pensar e valores.

Em suma, o ostracismo continua a ser um acontecimento que tem muito a ser explorado, no entanto, foi possível através desta investigação perceber mais alguns aspetos acerca do mesmo. Os dois tipos de ostracismo que se pretendia explorar e acreditava existir, nomeadamente o ostracismo explícito e implícito, revelaram-se um pouco difíceis de clarificar e estudar, tal como as suas consequências e implicações, provavelmente devido à dimensão reduzida da amostra, porém, foi possível verificar alguns aspetos sobre estes dois tipos de ostracismo e as suas implicações no dia-a-dia das pessoas. Foi, também, possível, através da investigação, perceber um pouco mais do ponto de vista tanto de quem ostraciza, como de quem é ostracizado. Por conseguinte, esta investigação conseguiu também analisar um pouco mais sobre o porquê de o ostracismo ocorrer na atualidade, como pretendido.

Capítulo V

Limitações

O estudo presente passou por algumas limitações no seu decorrer. A primeira das limitações focou-se no facto de a amostra ser relativamente pequena, principalmente porque tinha quatro condições nas quais os participantes se poderiam inserir, o que resultou num número muito limitado de participantes em cada condição. A segunda limitação encontrada focou-se no facto de terem que ter sido criados dois filtros dado a, por um lado, terem existido pessoas que não responderam ou compreenderam a condição que lhes foi atribuída e, por outro, existirem diversas respostas que não era claro que tratavam uma situação de ostracismo ou uma situação de ostracismo na condição que lhes fora requisitada, apesar de alguns destes participantes terem respondido corretamente na verificação da manipulação. Existiram ainda participantes que levaram um intervalo temporal muito grande para responder às questões, o que poderá ter provocado uma perda na intensidade das sensações e, consequentemente, isso pode ter-se refletido nas respostas. Estes factos levaram a que, quando aplicados os filtros, a amostra ficasse ainda mais reduzida do que já era, o que pode ter tido influência nos resultados e, em algumas situações, na falta deles. Por fim, poderá ter limitado a investigação o facto de os construtos de ostracismo explícito e implícito serem de cariz complexo e, por vezes, de difícil explicação ou compreensão. Em adição, dadas estas limitações e, principalmente, o tamanho da amostra, os resultados deste estudo não podem ser generalizados.

De modo a tentar resolver estas limitações, em estudos futuros, sugere-se que, primeiramente, se tente averiguar esta questão sem uma pergunta de resposta aberta ao nível do questionário, dado que este fator acaba por tornar o questionário menos apetecível e mais demorado para os participantes, o que acaba por prejudicar a recolha de dados em termos de dimensão. Talvez possa também ser viável realizar a investigação apenas com uma das perspetivas, ou seja, de ostracizado ou ostracizador, e incluir o ostracismo explícito e implícito, ou então, apenas escolher um dos tipos de ostracismo, implícito ou explícito e olhar para as diferenças ao nível de apenas um papel, ou seja, ostracizado ou ostracizador. Deste modo tornar-se-iam menos condições pelas quais os participantes teriam que se distribuir, sendo possível ter mais participantes em cada uma das condições, permitindo uma maior fiabilidade nos resultados encontrados.

Capítulo VI

Sugestões para estudos futuros

Uma das sugestões para estudos futuros ao nível dos assuntos aqui tratados foca-se, primeiramente, em tentar averiguar estas hipóteses e perguntas exploratórias, porém, com uma amostra maior. Adicionalmente, seria interessante tentar explorar um pouco mais o ostracismo explícito e implícito, porém, apenas pedindo aos participantes para se focarem na posição de ostracizador, para que se pudesse verificar melhor os efeitos destes dois tipos de ostracismo na pessoa que decide ostracizar o outro. Seria, ainda, interessante, tentar explorar as diferenças ao nível do ostracismo explícito e implícito tendo em conta diferenças individuais, como o sexo ou a idade.

Outras sugestões que poderiam trazer resultados interessantes seriam explorar os temas de ostracismo explícito e implícito, apenas nos ostracizados, numa situação simulada em laboratório. Torna-se um pouco complicado simular uma situação em que os participantes são os ostracizadores, mas em que são os ostracizados torna-se um pouco mais fácil e já foi feito, como no caso da utilização do jogo de *cyberball*. Seria também interessante dar uma situação pré-escrita aos participantes para tentar estudar o ostracismo explícito e implícito ao nível dos ostracizadores, de modo a tentar colocá-los na situação e a evitar que se perdesse o conteúdo da situação ser explícita, o que se torna fácil quando se deixa ao critério do participante descrever a situação. Podia ainda ser interessante verificar se as próprias variáveis dependentes utilizadas neste estudo influenciavam o modo como as pessoas se sentiam aquando de uma situação de ostracismo explícito ou implícito, como, por exemplo, verificar se pessoas que tendem a ter níveis de existência significativa altos à priori, aquando de uma situação de ostracismo implícito ou explícito, diminuía mais ou menos os níveis de existência significativa do que participantes que tendiam a ter níveis de existência significativa já baixos, à priori.

Outra sugestão que poderia enriquecer um estudo nestas temáticas seria tentar averiguar, através de entrevistas, o que as pessoas compreendiam por ostracismo explícito e implícito e como o explicavam por palavras delas, tal como os sentimentos que associam a esses episódios. Assim, seria possível determinar melhor uma definição mais precisa destes conceitos, tornando mais fácil o estudo dos mesmos.

Conclusão

Conclusivamente, esta investigação acabou por não conseguir confirmar ou explorar alguns dos temas que desejava, porém, obteve alguns resultados que se demonstraram bastante interessantes e explorou um pouco mais de um tema que acaba por ser bastante importante, que se concentra no ostracismo. O ostracismo revelou-se, mais uma vez, um fenómeno que tem muito para se estudar, dada a sua complexidade e a sua influência nos seres humanos, confirmando a força das reações de carácter emocional quando se passa por uma situação de exclusão social. Como verificado, o ostracismo tem um peso preponderante perante muitos aspetos que existem no dia-a-dia das pessoas. Isto torna essencial que se continue a exploração dos elementos que o concernem, para uma melhor compreensão do que causa e de como surge.

Referências

- Chung, Y. W. (2017). The role of person-organization fit and perceived organizational support in the relationship between workplace ostracism and behavioral outcomes. *Australian Journal of Management*, 42(2). doi: 10.
- Eisenberg, N. I., Lieberman, M. D. & Williams, K. D. (2003). Does rejection hurt: An fMRI study of social exclusion. *Science*, 302, 290-292.
- Freire, D. A. S. (2016). *Does it matter who is ostracizing you? Manipulation warmth and competence social dimensions as the source*. (Dissertação de mestrado) ISCTE-IUL, Portugal.
- Lustenberg, D. E. & Williams, K. D. (2009). Ostracism in organizations. In Greenberg, J. & Edwards, M. S. (Eds), *Voice and silence in organizations* (245-272). Washington: Emerald.
- MacDonald, G. & Leary, M. R. (2005). Why does social exclusion hurt? The relationship between social and physical pain. *Psychological Bulletin*, 131(2), 202-223. doi: 10.1037/0033-2909.131.2.202
- Mlika, M., Khelil, M. B. & Salem, N. H. (2017). Organizational ostracism: A potential framework in order to deal with it. *Safety and Health at Work*, 8, 398-401
- Qualtrics software of the Qualtrics Research Suite. Copyright © 2015 Qualtrics. Qualtrics and all other Qualtrics product or service names are registered trademarks or trademarks of Qualtrics, Provo, UT, USA. <http://www.qualtrics.com>.
- Smith, A. & Williams, K. D. (2004). R u there? Ostracism by cell phone text messages. *Group Dynamics: Theory, Research, and Practice*, 8(4), 291-301. doi: 10.1037/1089-2699.8.4.291
- Sommer, K. L. & Baumeister, R. F. (2002). Self-evaluation, persistence, and performance following implicit rejection: *The role of trait self-esteem*. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 28(7), 926- 938.
- Sommer, K. L., Williams, K. D., Ciarocco, N. J. & Baumeister, R. F. (2010). When silence speaks louder than words: Explorations into the intrapsychic and interpersonal consequences of ostracism. *Basic and Applied Social Psychology*, 23(4), 225-243. doi:10.1207/S15324834BASP2304_1
- Wesselmann, E. D., Wirth, J. H., Pryor, J. B., Reeder, G. D. & Williams, K. D. (2013). When do we ostracize?. *Social Psychological and Personality Science*, 4(1), 108-115. doi: 10.1177/1948550612443386
- Williams, K. D. (2009). Ostracism. *Annual Review of Psychology*, 58, 425-452. doi: 10.1146/annurev.psych.58.110405.085641

- Williams, K. D., & Nida, S. A. (2011). Ostracism: Consequences and coping. *Current Directions in Psychological Science*, 20(2), 71–75. doi: <https://doi.org/10.1177/0963721411402480>
- Williams, K. D., Forgas, J. P. & Hippiel, W. V. (2005). *The social outcast: Ostracism, social exclusion, rejection, and bullying*. Nova Iorque: Psychology Press
- Williams, K. D. & Sommer, K. L. (1997). Social ostracism by coworkers: Does rejection lead to loafing or compensation?. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 23(7), 693-706. doi: 10.1177/0312896215611190
- Wirth, J. H. & Williams, K. D. (2009). “They don’t like our kind”: Consequences of being ostracized while possessing a group membership. *Group Processes & Intergroup Relations*, 12(1), 111-127. doi: 10.1177/1368430208098780
- Zadro, L., Boland, C. & Richardson, R. (2006). How long does it last? The persistence of the effects of ostracism in the socially anxious. *Journal of Experimental Social Psychology*, 42, 692-697. doi:10.1016/j.jesp.2005.10.007
- Zadro, L., Williams, K. D. & Richardson, R. (2004). How low can you go? Ostracism by a computer is sufficient to low self-reported levels of belonging, control, self-esteem, and meaningful existence. *Journal of Experimental Social Psychology*, 40, 560-567. doi:10.1016/j.jesp.2003.11.006
- Zadro, L., Williams, K. D. & Richardson, R. (2005). Riding the ‘O’ train: Comparing the effects of ostracism and verbal dispute on targets and sources. *Group Processes & Intergroup Relations*, 8(2), 125-143.
- Karlen, C. & Daniela, J. R. (2011). Cyberostracism and social monitoring: Social anxiety's effects on reactions to exclusion and inclusion online. Honors Project, Paper 147.

ANEXOS

Anexo 1 - Condições

Ostracizador implícito: Será a condição em que as perguntas respondidas pelos participantes serão perante a ótica de que os mesmos são o elemento que exerce sobre alguém o ostracismo de um modo implícito, ou seja, em que excluem alguém socialmente sem lhe transmitir claramente que o estão a fazer.

Ostracizador explícito: Nesta condição será a mesma perspectiva explicada anteriormente, porém, numa ótica de ostracismo explícito, ou seja, em que a pessoa responde às questões com uma situação em mente em que ostracizou alguém e lhes comunicou claramente que se encontrava a fazê-lo.

Ostracizado implicitamente: A condição em questão é relativa à perspectiva dos participantes como a pessoa que está a ser ostracizada, de um modo implícito, ou seja, que foi excluído socialmente sem que lhe tenham comunicado claramente o que estavam a fazer e/ou porquê.

Ostracizado explicitamente: Nesta condição temos exatamente a mesma situação que a condição anterior mas numa ótica de ostracismo explícito, ou seja, em que se é excluído socialmente e lhe comunicado claramente que o estão a fazer e/ou porquê.

Anexo 2 - Versão do questionário na condição de ostracizado explícito

Consentimento informado - Estudo acerca do ostracismo

Objetivo: Este estudo foca-se, principalmente, no tema do ostracismo. Podemos descrever o ostracismo como o processo de "ser ignorado e excluído" (Williams, 2007, p.429). Todos os dados recolhidos apenas irão ser utilizados para efeitos do estudo para a realização da dissertação de mestrado a desenvolver, no âmbito do Mestrado de Psicologia Social e das Organizações, no ISCTE-IUL.

Tarefa: O preenchimento do questionário tem uma duração aproximada de 15 minutos. Caso decida participar neste estudo, deverá ser-lhe pedido que descreva uma história que já vivenciou, o preenchimento de algumas questões relativas à mesma e ao modo como pensou e se sentiu e alguns dados sociodemográficos.

Confidencialidade: Todas as respostas permanecerão anónimas e sempre que utilizadas serão juntas com as dos outros participantes, como um todo.

Avisos: Ao participar, informamos que este estudo implica o relembrar de momentos que podem ter sido desconfortáveis ou negativos para si, dado que estamos a estudar a exclusão social. Caso participe, estará a contribuir positivamente para o avançar da ciência neste campo de estudo.

Participação: É de salientar que a sua participação é voluntária e, como tal, está dentro dos seus direitos terminar a sua participação a qualquer momento do preenchimento.

Contactos: Caso esteja interessado em saber mais sobre o estudo ou colocar alguma questão relativamente ao mesmo, seguem os contactos da aluna e da orientadora que estão a realizar o estudo:

Discente: Sara Freitas: sapfs@iscte-iul.pt

Orientadora: Elizabeth Collins: eccse@iscte-iul.pt

Para participar no estudo deve ter idade igual ou superior a 18 anos.

Obrigada pela sua participação!

Aceita participar neste estudo?

☐ Sim

☐ Não

Este estudo foi desenhado com o objetivo de explorar melhor o ostracismo como fenómeno e as consequências que acarreta nos indivíduos. Assim, segue uma breve explicação do que o ostracismo representa.

Podemos descrever o ostracismo como o processo de "ser ignorado e excluído" (Williams, 2007, p.429). Posto isto, é importante salientar que o **ostracismo é um acontecimento bastante comum** - todos nós já ostracizámos alguém e também já fomos ostracizados. Deste modo, à primeira vista parece um ato com que nenhum de nós se identifica, no entanto, facilmente alguém se chateia com um amigo ou colega e, durante um pequeno tempo, não lhe fala e "ignora-o", por estarem chateados. É recorrente também, por exemplo, terminar um relacionamento e não querer mais manter contacto com a pessoa, porque a relação não terminou de um modo positivo. Face ao exposto, **existem diferentes graus deste acontecimento**, que podem ir de um ostracismo mais leve a algo de uma dimensão bastante mais extensa.

O ostracismo pode variar desde uma situação em que as pessoas deixam de incluir um colega sem lhe explicar que o estão a fazer até uma ordem de restrição legal, onde o contacto com a pessoa é banido, e a própria polícia estará envolvida no ostracismo. O ostracismo pode ir desde a utilização do "tratamento de silêncio" por parte de um amigo ou namorado até à colocação de uma criança de castigo parada num sítio ou mandada para o quarto porque se está a portar mal. Dentro destas situações, existem situações em que o ostracismo não é claramente explicitado à pessoa que está a ser ostracizada, o que chamamos de **ostracismo implícito**. Nos casos em que é claramente transmitido o ostracismo à outra pessoa, chamamos-lhes de **ostracismo explícito**.

Posto isto, para este estudo, pedíamos que se focasse numa situação em que **tivesse sido alvo de ostracismo explícito**, ou seja, em que se **tenha sentido excluído e lhe tenham comunicado claramente** que o estavam a fazer e porquê.

Primeiro gostaríamos de lhe pedir que escrevesse uma descrição completa da situação em que acabou de pensar, tal como se recorda dela, incluindo a razão pela qual acha que ocorreu e qual o efeito que teve em si (como se sentiu e/ou como reagiu).

Agora iremos colocar-lhe algumas questões acerca de como se sentiu durante o evento no qual acabou de pensar, em que foi ostracizado de modo explícito.

Em cada uma destas questões pedimos-lhe que assinale o número que represente melhor os seus sentimentos/emoções face à situação apresentada anteriormente.

	1 -De maneira nenhuma	2	3	4	5 - Muitíssimo
Senti-me "desconectado/a"	☐	☐	☐	☐	☐
Senti-me rejeitado/a	☐	☐	☐	☐	☐
Senti-me incompatível com a equipa	☐	☐	☐	☐	☐
Senti que percentia à equipa	☐	☐	☐	☐	☐
Senti que os outros elementos de equipa interagiram muito comigo	☐	☐	☐	☐	☐

	1 - De maneira nenhuma	2	3	4	5 - Muitíssimo
Sinto-me bem comigo mesmo/a	☐	☐	☐	☐	☐
A minha auto-estima estava alta	☐	☐	☐	☐	☐
Senti que gostaram de mim	☐	☐	☐	☐	☐
Senti-me inseguro/a	☐	☐	☐	☐	☐
Senti-me satisfeito/a	☐	☐	☐	☐	☐



	1 - De maneira nenhuma	2	3	4	5 - Muitíssimo
Senti-me invisível	☐	☐	☐	☐	☐
Senti-me sem importância	☐	☐	☐	☐	☐
Senti-me como se não existisse	☐	☐	☐	☐	☐
Senti-me importante	☐	☐	☐	☐	☐
Senti-me útil	☐	☐	☐	☐	☐



	1 - De maneira nenhuma	2	3	4	5 - Muitíssimo
Senti-me poderoso/a	☐	☐	☐	☐	☐
Senti que tinha controlo durante a prova	☐	☐	☐	☐	☐
Senti ter a capacidade para alterar significativamente o decorrer dos eventos	☐	☐	☐	☐	☐
Senti que não tinha influência nas ações dos outros	☐	☐	☐	☐	☐
Senti que os outros elementos decidiram tudo	☐	☐	☐	☐	☐



	1 - De maneira nenhuma	2	3	4	5 - Muitíssimo
Bem	☐	☐	☐	☐	☐
Mal	☐	☐	☐	☐	☐
Amigável	☐	☐	☐	☐	☐
Pouco amigável	☐	☐	☐	☐	☐
Zangado	☐	☐	☐	☐	☐

Agradado	☐	☐	☐	☐	☐
Alegre	☐	☐	☐	☐	☐
Triste	☐	☐	☐	☐	☐
Frustrado	☐	☐	☐	☐	☐
Ansioso	☐	☐	☐	☐	☐
Tímido	☐	☐	☐	☐	☐

	1 - De maneira nenhuma	2	3	4	5 - Muitíssimo
Eu fui ignorado	☐	☐	☐	☐	☐
Eu fui excluído	☐	☐	☐	☐	☐

Porque pensa que usaram o ostracismo como método para lidar com a situação que descreveu?

Pedimos, para efeitos do estudo, e tendo em conta que nenhum dos dados seguintes será tratado isoladamente, mas sim em conjunto com todos os dos outros participantes, algumas informações sociodemográficas sobre si.

Qual o seu género?

☐ Masculino

☐ Feminino

Qual a sua idade?

Quais as suas habilitações literárias?

☐ 4º ano

☐ 9º ano

☐ 12º ano

☐ Ensino Superior

Qual foi o tipo de situação que lhe foi pedida para escrever?

☐ Uma em que foi ostracizado

☐ Uma em que foi o ostracizador

Foi-lhe pedido que escrevesse uma situação em que o ostracismo era explícito ou implícito?

☐ Explícito

☐ Implícito

Anexo 3 - Versão do questionário na condição de ostracizado implícito

Este estudo foi desenhado com o objetivo de explorar melhor o ostracismo como fenómeno e as consequências que acarreta nos indivíduos. Assim, segue uma breve explicação do que o ostracismo representa.

Podemos descrever o ostracismo como o processo de "ser ignorado e excluído" (Williams, 2007, p.429). Posto isto, é importante salientar que o **ostracismo é um acontecimento bastante comum** - todos nós já ostracizámos alguém e também já fomos ostracizados. Deste modo, à primeira vista parece um ato com que nenhum de nós se identifica, no entanto, facilmente alguém se chateia com um amigo ou colega e, durante um pequeno tempo, não lhe fala e "ignora-o", por estarem chateados. É recorrente também, por exemplo, terminar um relacionamento e não querer mais manter contacto com a pessoa, porque a relação não terminou de um modo positivo. Face ao exposto, **existem diferentes graus deste acontecimento**, que podem ir de um ostracismo mais leve a algo de uma dimensão bastante mais extensa.

O ostracismo pode variar desde uma situação em que as pessoas deixam de incluir um colega sem lhe explicar que o estão a fazer até uma ordem de restrição legal, onde o contacto com a pessoa é banido, e a própria polícia estará envolvida no ostracismo. O ostracismo pode ir desde a utilização do "tratamento de silêncio" por parte de um amigo ou namorado até à colocação de uma criança de castigo parada num sítio ou mandada para o quarto porque se está a portar mal. Dentro destas situações, existem situações em que o ostracismo não é claramente explicitado à pessoa que está a ser ostracizada, o que chamamos de **ostracismo implícito**. Nos casos em que é claramente transmitido o ostracismo à outra pessoa, chamamos-lhes de **ostracismo explícito**.

Posto isto, para este estudo, pedíamos que se focasse numa situação em que **tivesse sido alvo de ostracismo implícito**, ou seja, em que se **tenha sentido excluído pelos demais sem que estes lhe tivessem comunicado claramente** que o estava a fazer e porquê.

Primeiro gostaríamos de lhe pedir que escrevesse uma descrição completa da situação em que acabou de pensar, tal como se recorda dela, incluindo a razão pela qual acha que ocorreu e qual o efeito que teve em si (como se sentiu e/ou como reagiu).

Consentimento informado - Estudo acerca do ostracismo

Objetivo: Este estudo foca-se, principalmente, no tema do ostracismo. Podemos descrever o ostracismo como o processo de "ser ignorado e excluído" (Williams, 2007, p.429). Todos os dados recolhidos apenas irão ser utilizados para efeitos do estudo para a realização da dissertação de mestrado a desenvolver, no âmbito do Mestrado de Psicologia Social e das Organizações, no ISCTE-IUL.

Tarefa: O preenchimento do questionário tem uma duração aproximada de 15 minutos. Caso decida participar neste estudo, deverá ser-lhe pedido que descreva uma história que já vivenciou, o preenchimento de algumas questões relativas à mesma e ao modo como pensou e se sentiu e alguns dados sociodemográficos.

Confidencialidade: Todas as respostas permanecerão anónimas e sempre que utilizadas serão juntas com as dos outros participantes, como um todo.

Avisos: Ao participar, informamos que este estudo implica o relembrar de momentos que podem ter sido desconfortáveis ou negativos para si, dado que estamos a estudar a exclusão social. Caso participe, estará a contribuir positivamente para o avançar da ciência neste campo de estudo.

Participação: É de salientar que a sua participação é voluntária e, como tal, está dentro dos seus direitos terminar a sua participação a qualquer momento do preenchimento.

Contactos: Caso esteja interessado em saber mais sobre o estudo ou colocar alguma questão relativamente ao mesmo, seguem os contactos da aluna e da orientadora que estão a realizar o estudo:

Discente: Sara Freitas: sapfs@iscte-iul.pt

Orientadora: Elizabeth Collins: eccse@iscte-iul.pt

Para participar no estudo deve ter idade igual ou superior a 18 anos.

Obrigada pela sua participação!

Aceita participar neste estudo?

☐ Sim

☐ Não

Agora iremos colocar-lhe algumas questões acerca de como se sentiu durante o evento no qual acabou de pensar, em que foi ostracizado de modo implícito.

Em cada uma destas questões pedimos-lhe que assinale o número que represente melhor os seus sentimentos/emoções face à situação apresentada anteriormente.

	1 -De maneira nenhuma	2	3	4	5 - Muitissimo
Senti-me "desconectado/a"	☐	☐	☐	☐	☐
Senti-me rejeitado/a	☐	☐	☐	☐	☐
Senti-me incompatível com a equipa	☐	☐	☐	☐	☐
Senti que percentia à equipa	☐	☐	☐	☐	☐
Senti que os outros elementos de equipa interagiram muito comigo	☐	☐	☐	☐	☐

	1 - De maneira nenhuma	2	3	4	5 - Muitíssimo
Sinto-me bem comigo mesmo/a	☐	☐	☐	☐	☐
A minha auto-estima estava alta	☐	☐	☐	☐	☐
Senti que gostaram de mim	☐	☐	☐	☐	☐
Senti-me inseguro/a	☐	☐	☐	☐	☐
Senti-me satisfeito/a	☐	☐	☐	☐	☐
	1 - De maneira nenhuma	2	3	4	5 - Muitíssimo
Senti-me invisível	☐	☐	☐	☐	☐
Senti-me sem importância	☐	☐	☐	☐	☐
Senti-me como se não existisse	☐	☐	☐	☐	☐
Senti-me importante	☐	☐	☐	☐	☐
Senti-me útil	☐	☐	☐	☐	☐

	1 - De maneira nenhuma	2	3	4	5 - Muitíssimo
Senti-me poderoso/a	☐	☐	☐	☐	☐
Senti que tinha controlo durante a prova	☐	☐	☐	☐	☐
Senti ter a capacidade para alterar significativamente o decorrer dos eventos	☐	☐	☐	☐	☐
Senti que não tinha influência nas ações dos outros	☐	☐	☐	☐	☐
Senti que os outros elementos decidiram tudo	☐	☐	☐	☐	☐



	1 - De maneira nenhuma	2	3	4	5 - Muitíssimo
Bem	☐	☐	☐	☐	☐
Mal	☐	☐	☐	☐	☐
Amigável	☐	☐	☐	☐	☐
Pouco amigável	☐	☐	☐	☐	☐
Zangado	☐	☐	☐	☐	☐
Agradado	☐	☐	☐	☐	☐

Alegre	☐	☐	☐	☐	☐
Triste	☐	☐	☐	☐	☐
Frustrado	☐	☐	☐	☐	☐
Ansioso	☐	☐	☐	☐	☐
Tímido	☐	☐	☐	☐	☐

	1 - De maneira nenhuma	2	3	4	5 - Muitíssimo
Eu fui ignorado	☐	☐	☐	☐	☐
Eu fui excluído	☐	☐	☐	☐	☐

Porque pensa que usou o ostracismo como método para lidar com a situação que descreveu?

Pedimos, para efeitos do estudo, e tendo em conta que nenhum dos dados seguintes será tratado isoladamente, mas sim em conjunto com todos os dos outros participantes, algumas informações sociodemográficas sobre si.

Qual o seu género?

- ☐ Masculino
- ☐ Feminino

Qual a sua idade?

Quais as suas habilitações literárias?

- ☐ 4º ano
- ☐ 9º ano
- ☐ 12º ano
- ☐ Ensino Superior

Qual foi o tipo de situação que lhe foi pedida para escrever?

- ☐ Uma em que foi ostracizado
- ☐ Uma em que foi o ostracizador

Foi-lhe pedido que escrevesse uma situação em que o ostracismo era explícito ou implícito?

- ☐ Explícito
- ☐ Implícito

Anexo 4 - Versão do questionário na condição de ostracizador explícito

Consentimento informado - Estudo acerca do ostracismo

Objetivo: Este estudo foca-se, principalmente, no tema do ostracismo. Podemos descrever o ostracismo como o processo de "ser ignorado e excluído" (Williams, 2007, p.429). Todos os dados recolhidos apenas irão ser utilizados para efeitos do estudo para a realização da dissertação de mestrado a desenvolver, no âmbito do Mestrado de Psicologia Social e das Organizações, no ISCTE-IUL.

Tarefa: O preenchimento do questionário tem uma duração aproximada de 15 minutos. Caso decida participar neste estudo, deverá ser-lhe pedido que descreva uma história que já vivenciou, o preenchimento de algumas questões relativas à mesma e ao modo como pensou e se sentiu e alguns dados sociodemográficos.

Confidencialidade: Todas as respostas permanecerão anónimas e sempre que utilizadas serão juntas com as dos outros participantes, como um todo.

Avisos: Ao participar, informamos que este estudo implica o relembrar de momentos que podem ter sido desconfortáveis ou negativos para si, dado que estamos a estudar a exclusão social. Caso participe, estará a contribuir positivamente para o avançar da ciência neste campo de estudo.

Participação: É de salientar que a sua participação é voluntária e, como tal, está dentro dos seus direitos terminar a sua participação a qualquer momento do preenchimento.

Contactos: Caso esteja interessado em saber mais sobre o estudo ou colocar alguma questão relativamente ao mesmo, seguem os contactos da aluna e da orientadora que estão a realizar o estudo:

Discente: Sara Freitas: sapfs@iscte-iul.pt

Orientadora: Elizabeth Collins: eccse@iscte-iul.pt

Para participar no estudo deve ter idade igual ou superior a 18 anos.

Obrigada pela sua participação!

Aceita participar neste estudo?

☐ Sim

☐ Não

Este estudo foi desenhado com o objetivo de explorar melhor o ostracismo como fenómeno e as consequências que acarreta nos indivíduos. Assim, segue uma breve explicação do que o ostracismo representa.

Podemos descrever o ostracismo como o processo de "ser ignorado e excluído" (Williams, 2007, p.429). Posto isto, é importante salientar que o **ostracismo é um acontecimento bastante comum** - todos nós já ostracizámos alguém e também já fomos ostracizados. Deste modo, à primeira vista parece um ato com que nenhum de nós se identifica, no entanto, facilmente alguém se chateia com um amigo ou colega e, durante um pequeno tempo, não lhe fala e "ignora-o", por estarem chateados. É recorrente também, por exemplo, terminar um relacionamento e não querer mais manter contacto com a pessoa, porque a relação não terminou de um modo positivo. Face ao exposto, **existem diferentes graus deste acontecimento**, que podem ir de um ostracismo mais leve a algo de uma dimensão bastante mais extensa.

O ostracismo pode variar desde uma situação em que as pessoas deixam de incluir um colega sem lhe explicar que o estão a fazer até uma ordem de restrição legal, onde o contacto com a pessoa é banido, e a própria polícia estará envolvida no ostracismo. O ostracismo pode ir desde a utilização do "tratamento de silêncio" por parte de um amigo ou namorado até à colocação de uma criança de castigo parada num sítio ou mandada para o quarto porque se está a portar mal. Dentro destas situações, existem situações em que o ostracismo não é claramente explicitado à pessoa que está a ser ostracizada, o que chamamos de **ostracismo implícito**. Nos casos em que é claramente transmitido o ostracismo à outra pessoa, chamamos-lhes de **ostracismo explícito**.

Posto isto, para este estudo, pedíamos que se focasse numa situação em que **ostracizou alguém através de ostracismo explícito**, ou seja, em **que tenha excluído alguém e lhe tenha comunicado claramente** que o estava a fazer e porquê.

Primeiro gostaríamos de lhe pedir que escrevesse uma descrição completa da situação em que acabou de pensar, tal como se recorda dela, incluindo a razão pela qual acha que ocorreu e qual o efeito que teve em si (como se sentiu e/ou como reagiu).

Agora iremos colocar-lhe algumas questões acerca de como se sentiu durante o evento no qual acabou de pensar, em ostracizou alguém de modo explícito.

Em cada uma destas questões pedimos-lhe que assinale o número que represente melhor os seus sentimentos/emoções face à situação apresentada anteriormente.

	1 -De maneira nenhuma	2	3	4	5 - Muitíssimo
Senti-me "desconectado/a"	☐	☐	☐	☐	☐
Senti-me rejeitado/a	☐	☐	☐	☐	☐
Senti-me incompatível com a equipa	☐	☐	☐	☐	☐
Senti que percentia à equipa	☐	☐	☐	☐	☐
Senti que os outros elementos de equipa interagiram muito comigo	☐	☐	☐	☐	☐

	1 - De maneira nenhuma	2	3	4	5 - Muitíssimo
Sinto-me bem comigo mesmo/a	☐	☐	☐	☐	☐
A minha auto-estima estava alta	☐	☐	☐	☐	☐
Senti que gostaram de mim	☐	☐	☐	☐	☐
Senti-me inseguro/a	☐	☐	☐	☐	☐
Senti-me satisfeito/a	☐	☐	☐	☐	☐

	1 - De maneira nenhuma	2	3	4	5 - Muitíssimo
Senti-me invisível	☐	☐	☐	☐	☐
Senti-me sem importância	☐	☐	☐	☐	☐
Senti-me como se não existisse	☐	☐	☐	☐	☐
Senti-me importante	☐	☐	☐	☐	☐
Senti-me útil	☐	☐	☐	☐	☐

	1 - De maneira nenhuma	2	3	4	5 - Muitíssimo
Senti-me poderoso/a	☐	☐	☐	☐	☐
Senti que tinha controlo durante a prova	☐	☐	☐	☐	☐
Senti ter a capacidade para alterar significativamente o decorrer dos eventos	☐	☐	☐	☐	☐
Senti que não tinha influência nas acções dos outros	☐	☐	☐	☐	☐
Senti que os outros elementos decidiram tudo	☐	☐	☐	☐	☐



	1 - De maneira nenhuma	2	3	4	5 - Muitíssimo
Bem	☐	☐	☐	☐	☐
Mal	☐	☐	☐	☐	☐
Amigável	☐	☐	☐	☐	☐
Pouco amigável	☐	☐	☐	☐	☐
Zangado	☐	☐	☐	☐	☐

Agradado	☐	☐	☐	☐	☐
Alegre	☐	☐	☐	☐	☐
Triste	☐	☐	☐	☐	☐
Frustrado	☐	☐	☐	☐	☐
Ansioso	☐	☐	☐	☐	☐
Tímido	☐	☐	☐	☐	☐

	1 - De maneira nenhuma	2	3	4	5 - Muitíssimo
Eu fui ignorado	☐	☐	☐	☐	☐
Eu fui excluído	☐	☐	☐	☐	☐

Porque pensa que usou o ostracismo como método para lidar com a situação que descreveu?

Pedimos, para efeitos do estudo, e tendo em conta que nenhum dos dados seguintes será tratado isoladamente, mas sim em conjunto com todos os dos outros participantes, algumas informações sociodemográficas sobre si.

Qual o seu género?

☐ Masculino

☐ Feminino

Qual a sua idade?

Quais as suas habilitações literárias?

☐ 4º ano

☐ 9º ano

☐ 12º ano

☐ Ensino Superior

Qual foi o tipo de situação que lhe foi pedida para escrever?

☐ Uma em que foi ostracizado

☐ Uma em que foi o ostracizador

Foi-lhe pedido que escrevesse uma situação em que o ostracismo era explícito ou implícito?

☐ Explícito

☐ Implícito

Anexo 5 - Versão do questionário na condição de ostracizador implícito

Consentimento informado - Estudo acerca do ostracismo

Objetivo: Este estudo foca-se, principalmente, no tema do ostracismo. Podemos descrever o ostracismo como o processo de "ser ignorado e excluído" (Williams, 2007, p.429). Todos os dados recolhidos apenas irão ser utilizados para efeitos do estudo para a realização da dissertação de mestrado a desenvolver, no âmbito do Mestrado de Psicologia Social e das Organizações, no ISCTE-IUL.

Tarefa: O preenchimento do questionário tem uma duração aproximada de 15 minutos. Caso decida participar neste estudo, deverá ser-lhe pedido que descreva uma história que já vivenciou, o preenchimento de algumas questões relativas à mesma e ao modo como pensou e se sentiu e alguns dados sociodemográficos.

Confidencialidade: Todas as respostas permanecerão anónimas e sempre que utilizadas serão juntas com as dos outros participantes, como um todo.

Avisos: Ao participar, informamos que este estudo implica o relembrar de momentos que podem ter sido desconfortáveis ou negativos para si, dado que estamos a estudar a exclusão social. Caso participe, estará a contribuir positivamente para o avançar da ciência neste campo de estudo.

Participação: É de salientar que a sua participação é voluntária e, como tal, está dentro dos seus direitos terminar a sua participação a qualquer momento do preenchimento.

Contactos: Caso esteja interessado em saber mais sobre o estudo ou colocar alguma questão relativamente ao mesmo, seguem os contactos da aluna e da orientadora que estão a realizar o estudo:

Discente: Sara Freitas: sapfs@iscte-iul.pt

Orientadora: Elizabeth Collins: eccse@iscte-iul.pt

Para participar no estudo deve ter idade igual ou superior a 18 anos.

Obrigada pela sua participação!

Aceita participar neste estudo?

☐ Sim

☐ Não

Agora iremos colocar-lhe algumas questões acerca de como se sentiu durante o evento no qual acabou de pensar, em que ostracizou alguém de modo implícito.

Em cada uma destas questões pedimos-lhe que assinale o número que represente melhor os seus sentimentos/emoções face à situação apresentada anteriormente.

	1 -De maneira nenhuma	2	3	4	5 - Muitíssimo
Senti-me "desconectado/a"	☐	☐	☐	☐	☐
Senti-me rejeitado/a	☐	☐	☐	☐	☐
Senti-me incompatível com a equipa	☐	☐	☐	☐	☐
Senti que percentia à equipa	☐	☐	☐	☐	☐
Senti que os outros elementos de equipa interagiram muito comigo	☐	☐	☐	☐	☐

	1 - De maneira nenhuma	2	3	4	5 - Muitíssimo
Sinto-me bem comigo mesmo/a	☐	☐	☐	☐	☐
A minha auto-estima estava alta	☐	☐	☐	☐	☐
Senti que gostaram de mim	☐	☐	☐	☐	☐
Senti-me inseguro/a	☐	☐	☐	☐	☐
Senti-me satisfeito/a	☐	☐	☐	☐	☐

	1 - De maneira nenhuma	2	3	4	5 - Muitíssimo
Senti-me invisível	☐	☐	☐	☐	☐
Senti-me sem importância	☐	☐	☐	☐	☐
Senti-me como se não existisse	☐	☐	☐	☐	☐
Senti-me importante	☐	☐	☐	☐	☐
Senti-me útil	☐	☐	☐	☐	☐

	1 - De maneira nenhuma	2	3	4	5 - Muitíssimo
Senti-me poderoso/a	☐	☐	☐	☐	☐
Senti que tinha controlo durante a prova	☐	☐	☐	☐	☐
Senti ter a capacidade para alterar significativamente o decorrer dos eventos	☐	☐	☐	☐	☐
Senti que não tinha influência nas ações dos outros	☐	☐	☐	☐	☐
Senti que os outros elementos decidiram tudo	☐	☐	☐	☐	☐



	1 - De maneira nenhuma	2	3	4	5 - Muitíssimo
Bem	☐	☐	☐	☐	☐
Mal	☐	☐	☐	☐	☐
Amigável	☐	☐	☐	☐	☐
Pouco amigável	☐	☐	☐	☐	☐
Zangado	☐	☐	☐	☐	☐
Agradado	☐	☐	☐	☐	☐

Alegre	☐	☐	☐	☐	☐
Triste	☐	☐	☐	☐	☐
Frustrado	☐	☐	☐	☐	☐
Ansioso	☐	☐	☐	☐	☐
Tímido	☐	☐	☐	☐	☐

	1 - De maneira nenhuma	2	3	4	5 - Muitíssimo
Eu fui ignorado	☐	☐	☐	☐	☐
Eu fui excluído	☐	☐	☐	☐	☐

Porque pensa que usou o ostracismo como método para lidar com a situação que descreveu?

Pedimos, para efeitos do estudo, e tendo em conta que nenhum dos dados seguintes será tratado isoladamente, mas sim em conjunto com todos os dos outros participantes, algumas informações sociodemográficas sobre si.

Qual o seu género?

☐ Masculino

☐ Feminino

Qual a sua idade?

Quais as suas habilitações literárias?

- ☐ 4º ano
- ☐ 9º ano
- ☐ 12º ano
- ☐ Ensino Superior

Qual foi o tipo de situação que lhe foi pedida para escrever?

- ☐ Uma em que foi ostracizado
- ☐ Uma em que foi o ostracizador

Foi-lhe pedido que escrevesse uma situação em que o ostracismo era explícito ou implícito?

- ☐ Explícito
- ☐ Implícito